



**Maria Fernanda Pinto de Moura**

**Como nasce uma mãe?  
Desejo e inspirações de maternidade**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro,  
Março de 2021



**Maria Fernanda Pinto de Moura**

**Como nasce uma mãe? Desejo e  
inspirações de maternidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Prof<sup>ª</sup>. Terezinha Féres-Carneiro**

**Orientadora**

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Prof<sup>ª</sup>. Rebeca Nonato Machado**

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

**Prof<sup>ª</sup>. Diana Dadoorian**

IPUB/UFRJ

Rio de Janeiro, 26 de março de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

## **Maria Fernanda Pinto de Moura**

Graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2016. Formou-se especialista em atendimento de crianças e adolescentes pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ) em 2019.

### Ficha Catalográfica

Moura, Maria Fernanda Pinto de

Como nasce uma mãe? : desejo e inspirações de maternidade / Maria Fernanda Pinto de Moura ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2021.

75 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2021.

## Agradecimentos

À minha orientadora, Terezinha Féres-Carneiro, pela inspiração que representa para mim enquanto professora, pesquisadora e ser humano. Foi uma honra testemunhar a vitalidade em sala de aula, a objetividade na pesquisa e o afeto com que conduziu o grupo durante o ano tão desafiador de 2020.

À professora Diana Dadoorian por ter sido minha professora, supervisora e orientadora na especialização em crianças e adolescentes no IPUB; pelo incentivo ao ingresso no mestrado e pelas contribuições neste. Grata por seguir sendo parte da minha trajetória acadêmica na pós-graduação.

À professora Rebeca Machado pela habilidade de trazer conceitos teóricos complexos para a prática, tornando nossas tardes de aula momentos enriquecedores. Agradeço pelas trocas que tivemos em sala, no grupo de pesquisa e na banca de qualificação.

À professora Ana Lila Lejarraga e ao professor Sérgio Gomes, pelos ensinamentos na faculdade e na especialização. Grata também pelo incentivo para concorrer ao mestrado.

À professora Elizabeth Sússekind, minha primeira orientadora, que me oferta o seu apoio, a sua amizade e torcida consistente desde 2012.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, que viabilizaram a produção deste trabalho.

À minha família pelos valores, apoio e incentivo.

Às amigas Yasmin, Juliana, Clara e Manu e Érica, que me ouviram e acolheram durante o nascimento deste trabalho.

À equipe de pesquisa de Família e Casal da PUC-Rio, em especial à Amanda Londero, Mayla Cosmo e Michelle Gorin pelo apoio afetivo e técnico.

Às mulheres que generosamente me contaram suas histórias de força e vulnerabilidade no delicado processo de seus nascimentos enquanto mães.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

Moura, Maria Fernanda Pinto de; Féres-Carneiro, Terezinha. **Como nasce uma mãe? Desejo e inspirações de maternidade**. Rio de Janeiro, 2021, 75p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar os primórdios da construção da maternidade, a partir da percepção de mulheres primíparas, na contemporaneidade. Para tanto, foi estudado de forma mais específica o que sustenta o desejo de ser mãe e as referências de maternidade para as recém-mães. Foram realizadas virtualmente entrevistas com dez mães primíparas; posteriormente, transcritas e submetidas ao método de análise de conteúdo, na modalidade categorial temática. Para fins de apresentação dos resultados, esta dissertação foi desdobrada em dois artigos. O primeiro investiga o desejo de ser mãe no cenário contemporâneo, enquanto o segundo, as referências de maternidade para as recém-mães. Observou-se que a maternidade é cada vez menos fruto de um mandato biológico, podendo ser mais questionada. Frente às ambivalências e dificuldades inerentes à escolha, adiar o projeto parental aparece como estratégia para grande parte das mulheres. As referências de maternidade são múltiplas, ainda predominantemente femininas, como aponta a literatura clássica. Contudo, parece haver tendência de mudança, a partir da crescente participação dos pais nesse contexto. Conclui-se que a maternidade é um processo de construção contínuo e que se tornar mãe exige alto grau de investimento psíquico, não sendo algo dado biologicamente.

## Palavras-chave

Maternidade; parentalidade; psicanálise; contemporaneidade.

## Abstract

Moura, Maria Fernanda Pinto de; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **How is a mother born? Motherhood desire and inspirations.** Rio de Janeiro, 2021, 75 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research aims to investigate the beginnings of motherhood construction from the perception of primiparous women in contemporary times. For this, the support to the desire to be a mother and the motherhood references for new mothers were more specifically studied. Virtually interviews with ten primiparous mothers were carried out and then transcribed and submitted to the content analysis method, in the thematic category. For the purposes of presenting the results, this dissertation was divided into two articles. The first investigates the desire to be a mother in the contemporary scenario and the second, the references of motherhood for new mothers. It was observed that motherhood is less and less the result of a biological mandate and can be further questioned. In view of the ambivalences and difficulties inherent in the choice, postponing the parental project comes up as a strategy for most women. Motherhood references are multiple, still predominantly feminine, as pointed out by the classic literature. However, there seems to be a tendency to change, due to the increasing participation of fathers in this context. It is concluded that motherhood is a continuous construction process and that becoming a mother requires a high degree of psychic investment, not being something just biologically given.

## Keywords

Motherhood; parenthood; psychoanalysis; contemporaneity.

## Sumário

1. Introdução	12
2. O tempo de ser mãe: caminhos do desejo	18
2.1. Resumo	18
2.2. Abstract	18
2.3. Método	24
2.3.1. Participantes	24
2.3.2. Instrumentos	24
2.3.3. Procedimentos	25
2.3.4. De coleta de dados	25
2.3.5. Cuidados Éticos	25
2.4. Análise e discussão dos resultados	25
2.4.1. Desejo de ser mãe	26
2.4.2. Desejo e planejamento da maternidade	31
2.5. Considerações finais	36
3. Construindo a maternidade: inspirações	39
3.1. Resumo	39
3.2. Abstract	39
3.3. Método	42
3.3.1. Participantes	42
3.3.2. Instrumentos	43
3.3.3. De coleta de dados.	44
3.3.4. Cuidados Éticos.	44
3.4. Análise e discussão dos resultados	44
3.4.1. Referências de maternidade	44
3.4.2. Escolha do nome do bebê	44
3.4.3. Referências de cuidado	50



3.5. Considerações finais	61
4. Conclusão	64
5. Referências	67
6. Anexo I	71
7. Anexo II	72
8. Anexo III	73

## Lista de tabelas

Tabela 1 - Dados sociobiográficos das participantes e do bebê	25
Tabela 1 - Dados sociobiográficos das participantes e do bebê	43

És um senhor tão bonito  
Quanto a cara do meu filho  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Vou te fazer um pedido  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Entro num acordo contigo  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo, tempo, tempo, tempo (...)

E quando eu tiver saído  
Para fora do teu círculo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Não serei nem terás sido  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ainda assim acredito  
Ser possível reunirmo-nos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Num outro nível de vínculo  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto peço-te aquilo  
E te ofereço elogios  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Nas rimas do meu estilo  
Tempo, tempo, tempo, tempo

Oração ao Tempo, Caetano Veloso

# Capítulo 1

## Introdução

As palavras “mulher” e “mãe” são de uso tão cotidiano que pode ser até difícil pensar que os papéis sociais que ambas representam sofreram mudanças significativas em espaço relativamente curto de tempo. Ariès (1978) expõe alguns dos fatores que foram transformando a história da criança, desde a família medieval até a família moderna, mais próxima dos valores contemporâneos. Foi a partir do movimento de valorização da criança e do surgimento de um lugar social para ela, que o autor denomina de sentimento de infância, que o papel da mãe mudou radicalmente.

Badinter (1980/1985) investiga como os sentimentos em relação à maternidade modificaram-se de forma relevante, para chegar à conclusão de que o amor materno não é inato, instintivo, inerente à mulher, absolutamente incondicional, universal e a-histórico. A autora situa no último terço do século XVIII a ocorrência de uma revolução das mentalidades. É neste momento que a imagem da mãe altera-se radicalmente, pois, a partir de 1760, há esforço das publicações em recomendar que elas cuidem pessoalmente de seus filhos e os amamentem. Para a autora, é quando se instaura o mito do amor materno, compreendido como o amor espontâneo de toda mulher pelo filho, que continua permeando ativamente o imaginário social até hoje.

Ao mesmo tempo em que tal imaginário de mulher-mãe perdura, nas últimas décadas, as configurações familiares vem sofrendo intenso processo de transformação. Às famílias casadas e monoparentais, a contemporaneidade inclui as famílias separadas, recasadas e homoparentais. É inegável o aumento no grau de complexidade das relações entre seus membros na medida em que se testemunha a convivência de lógicas tradicionais e modernas (Magalhães et al., 2017).

O desejo por ter ou não ter filhos é perpassado por aspectos conscientes e inconscientes (Dadoorian, 2000; Zornig, 2010; Bernardi et al., 2019). Badinter (2010/2011) expõe o aspecto inconsciente e irracional dessa escolha ao afirmar que as motivações para gerar uma criança são desconhecidas dos genitores ou mais confusas e obscuras do que as apontadas por eles em pesquisas.

Acompanhando a tendência mundial dos países desenvolvidos, observa-se no Brasil a redução expressiva da taxa de fecundidade, que caiu em 1/3, entre 1960 e 2010, de 6,3 filhos por mulher para 1,9 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010). Diversas mudanças sociais contribuíram para tal resultado, como a invenção da pílula anticoncepcional, a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho e a influência do movimento feminista, dentre outras. Observa-se que a mulher nas sociedades ocidentais possui maior poder de escolha sobre ter ou não filhos. Quando decide ter, nota-se que costuma ser mais tarde e em menor número, de forma que possa investir melhor em cada bebê, tanto nos aspectos afetivos quanto no que tange aos recursos financeiros (Badinter, 2010/2011).

Embora ainda exista a expectativa social de que os casais gerem descendentes, diante da separação entre sexualidade e reprodução, isso deixou de ser visto como destino e passou a ser muito mais questionado pelos seus membros (Bernardi et al., 2019; Matos & Magalhães, 2014). Dentre os principais motivos para o adiamento do projeto parental ressaltam-se o individualismo, expresso no maior peso dado aos projetos pessoais e profissionais de cada um dos membros do casal; as altas demandas sociais envolvidas, como investimento de tempo e dinheiro; a dificuldade em conciliar trabalho e criação do filho; assim como a falta de rede de apoio nas grandes cidades (Bernardi et al., 2018).

Para além das questões de ordem prática inerentes à chegada de um novo ser na família, ainda há de se considerar as de ordem subjetiva. A relação dos pais com o bebê é marcada por afetos ambivalentes, porque existe grande expectativa sobre o nascimento deste, incluindo a de reparação de falhas na história de vida dos genitores. Este evento provoca ruptura no equilíbrio do casal e reativação de fantasmas edípicos, na medida em que é comum que o pai se sinta excluído do binômio mãe-bebê e olhe para o filho como um rival, e que a mãe vivencie sentimento de inadequação ao exercer a função materna, por não conseguir desvincular-se de um modelo idealizado (Zornig, 2010).

Assim, a transição para a parentalidade é considerada uma das mudanças mais desafiadoras do ciclo de vida familiar (Hintz & Baginski, 2012). Tal passagem pode ser entendida como uma situação de crise, tendo em vista que é esperado que o casal

atravesse algumas dificuldades nos momentos iniciais, mesmo tendo um relacionamento saudável (Hintz et al., 2015).

Badinter (1980/1985) discute que a psicanálise teve um papel importante ao enclausurar a mulher na maternidade por julgá-la responsável até pelas formações inconscientes do bebê. Devido ao alargamento dos seus encargos enquanto mãe, ela ganhou visibilidade social. Entretanto, foi alvo de mais condenação moral, visto que é a culpada de tudo. Para a autora, essa condenação foi uma causa importante de dificuldade do trabalho da mulher, bem como do desprezo ou da piedade pelas mulheres que não tinham filhos e da desonra das que não desejavam esse papel.

Contudo, para a psicanálise, a entrada no *modus operandi* da maternidade não é natural ou inata, e sim fruto de árduo trabalho de reelaboração psíquica, embora fatores biológicos possam contribuir (hormônios, por exemplo). Stern (1997) afirma que os interesses da mulher passam por realinhamento emocional importante: seu investimento passa a ser mais em si mesma enquanto mãe do que mulher e esposa; mais para sua mãe e outras mulheres do que para os homens; mais para o desenvolvimento do bebê do que para a profissão; mais para o seu companheiro enquanto pai do que como esposo ou parceiro sexual e, finalmente, mais para o seu bebê do que para outros acontecimentos que a cercam.

O autor defende que a constelação da maternidade é grande organizadora psíquica, que determinará novas ações, sensibilidades, fantasias, medos e desejos. Apesar de ser temporária, podendo durar meses ou anos, ela será por esse tempo o eixo organizador dominante da vida psíquica da mulher, colocando em segundo plano eixos como o Complexo de Édipo. A constelação é marcada pela presença de três discursos: (1) o discurso da mãe com a sua própria mãe, (2) o discurso da mulher consigo mesma enquanto mãe e (3) o discurso da mulher com o seu bebê. É nesse contexto que se investigam as referências de maternidade para a recém-mãe.

No mesmo sentido de considerar o intenso trabalho psíquico envolvido na chegada de um bebê, Kaës (1997) expõe que os legados materiais e imateriais são necessariamente recebidos por cada ser que nasce, na medida em que é impossível não herdar, pois “é assim que vimos ao mundo, pelo corpo e pelo grupo, e o mundo é corpo

e grupo. A recusa do corpo e do grupo faz-se ao preço da abolição do espaço psíquico” (Kaës, 1997, p. 275).

Diante da impossibilidade do bebê humano de fazer frente às tarefas básicas para a sobrevivência, é vital que seja sustentado por um grupo primário, que servirá de matriz nutriente e protetora. Tal matriz deve constituir-se em espaço psíquico para que a função materna sustentada pelo grupo possa acontecer. É por esse motivo que o corpo e a psique da mãe são as primeiras representações do grupo para o *infans* e seguirão sendo, até mais tarde, em seu mundo interno. Isso porque o recém-nascido não será capaz de distinguir desde então “a mãe da massa psíquica, desejante e falante, tátil, sonora e odorífica de que ele tem necessidade para se constituir” (Kaës, 1997, p. 281).

Assim, tem-se a importância desses primeiros cuidados na constituição do sujeito, tanto em nível consciente quanto inconsciente. Vale lembrar que, de sua parte, o bebê também é ativo nesse processo, demandando do ambiente a satisfação de suas necessidades narcísicas e objetais (Kaës, 1997). A família, comportando diversas configurações, revela-se fundante para a constituição subjetiva humana. Ela tem como um de seus principais papéis a socialização do indivíduo, seu processo de autonomia e de constituição subjetiva (Magalhães et al., 2017).

Winnicott (1987/2020) aponta igualmente que um ambiente cuidador é condição indispensável para o bebê humano tornar-se um ser humano. É nesse sentido de cuidado ambiental que postula o conceito de mãe suficientemente boa. Apesar de a nomeação ter gerado muita controvérsia, trata-se de um estado especial de identificação do cuidador com o bebê, que facilita os seus processos evolutivos.

O processo de tornar-se mãe ou de tornar-se pai é uma tarefa psíquica das mais trabalhosas, visto que não é apenas dada biologicamente. A Psicanálise sempre privilegiou o período da infância e suas relações primitivas na constituição do sujeito. A partir disso, muitos autores de abordagem ou de inspiração psicanalítica, que investigaram as primeiras relações entre pais e filhos, puderam relatar fenômenos bastante semelhantes acerca do estado psíquico especial em que se situam os pais no momento da gravidez e nos primeiros meses da vida de seus bebês. Winnicott (1987/2020) chama tal estado de preocupação materna primária, Stern (1997) cria o conceito de constelação da maternidade para falar de toda a mudança estrutural que

essa transição abrange, Bydlowski (2002) traz o conceito de transparência psíquica, e Moro (2005), inspirada na última autora, o de transparência cultural.

Moro (2005) coloca que os elementos sociais e culturais tomam parte no desenvolvimento da função parental e desde muito cedo misturam-se com os elementos familiares e individuais. Tal fato guarda um aspecto de prevenção na medida em que oferece aos pais alguns parâmetros de como agir em suas novas funções.

Ainda que coloquem a ênfase nas vivências da mãe, principalmente devido ao dado biológico de que é ela que experiencia a gravidez, o parto e o aleitamento, os autores explicitam que o homem atravessa caminhos psíquicos similares em sua transição para a paternidade. Contudo, Stern (1997), Winnicott (1987/2020), Dadoorian (2000) e Iaconelli (2019) defendem que o papel do homem, em um primeiro momento, é exercer a função de continente para a recém-mãe, servindo como apoio físico e emocional. Somado a isso, Stern aponta ainda para uma diferença entre os gêneros no que tange a referências de maternidade e paternidade: a mulher procuraria primordialmente por referências de outras mulheres-mães.

Assim como Winnicott (1987/2020), Stern (1997) afirma que a função do pai é servir de continente para a sua parceira, atuando como espécie de para-choque físico, emocional e psicológico, liberando-a para os cuidados com o bebê. Ambos os autores colocam que as mulheres sentem-se apoiadas pelos cônjuges que exercem esse papel. Todavia, Stern ressalta a função do homem como matriz de apoio para a mãe, marcando a diferença entre a figura feminina e masculina: o pai não serviria como modelo identificatório para a recém-mãe. Para o autor, isso cabe a outras figuras femininas, especialmente as que possuem experiências de maternidade.

Badinter (1980/1985) alerta que é crucial levar em conta quem é a mãe, no sentido geral da palavra: a mulher casada e com filhos desta união, legítimos. Segundo a autora, não se pode jamais perder de vista que a mãe é personagem relativa e tridimensional. Relativa porque só é mãe na medida em que existe pai e filho; tridimensional, porque além da relação com os dois, ela é — antes de tudo — uma mulher, com desejos próprios, que podem em nada coincidir com os dos outros envolvidos. As aspirações das mulheres e dos homens de uma determinada época possuem forte influência das necessidades e valores dominantes. Assim, quando o pai



é a figura de autoridade, a mãe fica em segundo plano, em condição semelhante à criança. Quando a sociedade valoriza essa última, a mãe ganha importância, em detrimento do pai. Outro fator de peso no que tange ao comportamento materno é a luta entre os sexos, na qual quem fica com a criança pode ter vantagem.

Diante dessas alterações sociais que trazem importantes repercussões no âmbito familiar, o presente estudo tem como objetivo investigar os primórdios da construção da maternidade, a partir da percepção de mulheres primíparas, na contemporaneidade. Para tanto, foi estudado de forma mais específica o que sustenta o desejo de ser mãe e as referências de maternidade para as recém-mães.

Para atingir tais objetivos, foi realizada pesquisa qualitativa com dez mulheres pertencentes à camada média da população brasileira, casadas, mães de bebês entre seis meses e um ano e meio de idade. Foi utilizado um roteiro semiestruturado nas entrevistas individuais. A partir das narrativas, emergiram três categorias de análise: *desejo de ser mãe; desejo e planejamento da maternidade e referências de maternidade.*

Para fins de apresentação dos resultados, esta dissertação foi desdobrada em dois artigos. O primeiro investiga o desejo de ser mãe no cenário contemporâneo, enquanto o segundo, as referências de maternidade para as recém-mães.

## Capítulo 2

### O tempo de ser mãe: caminhos do desejo

#### Resumo

Este trabalho é parte de investigação maior sobre os primórdios da construção da maternidade na contemporaneidade, possuindo como objetivo investigar o desejo de filhos em mulheres primíparas. Foi realizada pesquisa qualitativa com dez mães primíparas. A partir do método de análise de conteúdo na sua vertente categorial, são apresentadas e discutidas duas categorias de análise: *desejo de ser mãe*, e *desejo e planejamento da maternidade*. Cada vez menos fruto de mandato biológico, a maternidade pode ser mais questionada. Frente às ambivalências relacionadas a esta escolha e às dificuldades inerentes ao projeto parental, adiá-la é estratégia de grande parte das mulheres. Conclui-se que a maternidade é um processo de construção contínuo e se tornar mãe exige alto grau de investimento psíquico.

*Palavras-chave:* maternidade, parentalidade, psicanálise, contemporaneidade.

#### Abstract

This work is part of a broader research on the beginnings of motherhood construction nowadays and aims to investigate the desire to be a mother nowadays. A qualitative research was made with ten primiparous women. Based on the content analysis method, two categories of analyses are presented and discussed: *desire to be a mother* and *desire and planning for motherhood*. Less and less the result of a biological mandate, motherhood can be further questioned. Considering the ambivalences related to that choice and the difficulties inherent in the parental project, postponing it has been the strategy of many women. In conclusion, motherhood is a continuous process of construction and becoming a mother requires a high degree of psychic investment.

*Keywords:* motherhood, parenthood, psychoanalysis, contemporaneity.

Atualmente, a escolha por ter filhos vem sendo cada vez mais questionada e se observa a tendência mundial de queda da natalidade. Em princípio, grande parte das mulheres ocidentais pode optar por ser mãe ou não. Se, por um lado, querem ter uma vida profissional, conjugal e social satisfatória, por outro também almejam a experiência da maternidade. A fim de alcançar o ideal, que contemple todos esses aspectos, as mulheres tornam-se mães mais tarde e têm menos bebês (Badinter, 2010/2011).

A ambivalência dessa escolha pode ser notada nos países desenvolvidos em quatro indicadores: declínio da taxa de fertilidade, elevação da idade média das mães, aumento de mulheres trabalhadoras e diversidade de modos de vida femininos (como o casal ou a solteira sem filhos). Nota-se também a forte relação da desigualdade social, associada à desigualdade entre os gêneros, sobre o desejo por filhos, na medida em que há grande diferença no perfil de mães das classes médias e altas em relação ao perfil das que usufruem de menos oportunidades (Badinter, 2010/2011).

Tomando como exemplo o Brasil, nas últimas décadas, observa-se a diminuição significativa do número de filhos, segundo dados do IBGE (2010). Em 1960, a taxa de fecundidade era de 6,3 filhos por mulher. Em 2010, esse percentual caiu para 1,9 – média abaixo da necessária para a reposição populacional. O referido Censo aponta, ainda, a correlação entre o maior nível de instrução e a queda da fecundidade, além de diferenças entre etnias no padrão etário de fecundidade: pretas, pardas e indígenas são mães mais jovens do que as brancas.

Os motivos para o desejo de ter filhos são permeados por questões de ordem biológica, subjetiva e cultural. A partir de 1960, com o advento da pílula anticoncepcional, com o aprimoramento dos métodos contraceptivos e sob a influência do movimento feminista e da entrada da mulher no mercado de trabalho, esta passou a ter maior possibilidade de escolher quando engravidar, bem como o número de filhos que desejava ter (Badinter, 2010/2011). Mais recentemente, avanços nas técnicas de reprodução assistida e as novas configurações familiares, que influenciam e são influenciadas pelo social, tornaram possível a separação entre conjugalidade e parentalidade (Bernardi et al., 2019). Assim, perante a dissociação de sexualidade e

reprodução, esta escolha passou a ser muito mais questionada pelos casais (Matos & Magalhães, 2014).

De acordo com Badinter (2010/2011), a maioria das jovens ocidentais afirma querer ser mãe, porém essa não é uma preocupação imediata. A autora sinaliza que os casais que adiam ter filhos passam por quatro fases: a primeira é a realização dos objetivos prioritários; a segunda é adiar para um momento inespecífico, para quando acharem que estão prontos; a terceira é a tomada de consciência e o diálogo sobre as vantagens e os inconvenientes dessa escolha; e a quarta é a decisão de seguir sem filhos para manter a satisfação encontrada na vida a dois. A autora ressalta que, na maior parte das vezes, esse processo decisório não se dá de forma explícita, e dialoga com a existência do relógio biológico feminino como marco-limite.

No bojo de processos decisórios que não ocorrem de forma explícita, a psicanálise entende o desejo, em sentido amplo, pertencendo, sobretudo, ao campo do inconsciente: é desejo do desejo ou desejo de consumação do desejo. Ademais, não cabe renúncia a ele, apenas substituição de uma coisa por outra (Roudinesco, 1944/2019). A questão do desejo feminino é um dos grandes temas psicanalíticos. Em diálogo com Marie Bonaparte, Freud confessa que, após trinta anos de pesquisas, não tinha uma resposta satisfatória para a clássica pergunta: afinal, o que quer a mulher? O próprio autor responde que não cabe à psicanálise descrever o que é a mulher, e sim pesquisar como ela se torna mulher (Iannini & Tavares, 2020).

De acordo com Freud (1925/2020), o desejo inconsciente de maternidade está ligado à vida sexual infantil e à trama edípica: “Todo e qualquer analista conheceu mulheres que se apegam, com particular intensidade e tenacidade, à sua relação com o pai e ao desejo, no qual essa ligação culmina, de ter um filho com o pai” (Freud, 1925/2020, p. 262). Ao perceber a diferença do genital masculino, a menina sente-se prejudicada, castrada, e com inveja do pênis; fato que deixa marcas permanentes no seu desenvolvimento e caráter. Em dado momento, a libido da menina desliza para se posicionar a partir da equação simbólica pré-determinada: pênis equivale à criança. Ela abandona o desejo do pênis em favor do desejo de uma criança e, com essa intenção, toma o pai como seu objeto de amor e a mãe torna-se objeto de ciúme. Assim, a menina transforma-se em uma pequena mulher (Freud, 1925/2020).

Iannini e Tavares, ao comentarem Freud (1931/2020, nota dos editores, p. 308-310), afirmam que nos anos de 1920-1930, houve grande efervescência de estudos psicanalíticos acerca da sexualidade feminina. Mesmo dentro deste movimento, havia discordância entre as vertentes vienense e inglesa acerca da centralidade do complexo de castração, da primariedade da inveja do pênis e do primado do falo. As feministas também discordavam das teorias sexuais freudianas por entenderem que elas restringiam as ambições da mulher à maternidade. Em defesa de Freud, Kehl (2020) afirma que o autor foi sensível à pobreza de destinos disponíveis às jovens de sua época, cuja libido ficava restrita ao casamento e à maternidade, no melhor dos casos, e não havia perspectivas de construção de novos caminhos para o investimento libidinal feminino.

Dadoorian (2000) pontua que o desejo de ser mãe, simbolicamente, de ter um falo, é muito forte no inconsciente feminino. Porém, outros objetos podem exercer tal função de preenchimento, realização, completude, como o estudo e a carreira profissional. O próprio Freud (1933/2020) aponta para isso quando coloca que a inveja do pênis por muitos anos conserva-se no inconsciente feminino mobilizando considerável investimento de energia. Na mulher madura, o desejo de ter o pênis é recalcado e pode ser sublimado na aptidão para exercer uma profissão intelectual, por exemplo.

O desejo de ter filho e a sua realização geram mudanças irreversíveis na subjetividade dos pais, originadas tanto das projeções sobre o bebê, quanto das interações com ele (Stern, 1997). Frente a novos modos de vida e arranjos familiares na contemporaneidade, o que sustenta o desejo parental são as influências vindas da história de cada um dos progenitores, e não apenas a vontade de perpetuar o modelo de família nuclear (Zornig, 2010). As diversas configurações familiares atuais são influenciadas, portanto, pela transmissão geracional das dinâmicas próprias e singulares de cada grupo familiar, bem como pelo contexto social (Magalhães et al., 2017).

A parentalidade traduz o processo de se tornar pai e mãe, muito além do nível biológico, visto que ela se constrói em níveis conscientes e inconscientes ao longo do ciclo vital. Suas bases estão nas identificações infantis narcísicas e edípicas, logo, são

bem anteriores à existência do bebê (Zornig, 2010). Para Moro (2005), ela é construída por ingredientes complexos, desde circunstâncias coletivas — contexto político, econômico, social — até pessoais, como o histórico familiar, a vivência do casal, o momento econômico e de vida. A autora considera também a contribuição do bebê, que pode ter mais ou menos facilidade de transformar seus genitores em pais, dependendo de sua bagagem pessoal e das circunstâncias do nascimento, como por exemplo, prematuridade e sofrimento neonatal.

Os elementos sociais e culturais atuam no desenvolvimento da função parental e desde muito cedo se misturam com os elementos familiares e individuais. Moro (2005) e Zornig (2010) ressaltam que as identificações infantis dos pais podem influenciar o exercício dessa função. Nesse sentido, Freud (1914/2006) postula que “Sua Majestade o Bebê” será o centro e âmago da criação, como os pais mesmos se imaginavam enquanto bebês. Assim, para o autor, o afeto dos pais com os filhos é revivescência e reprodução de seus próprios narcisismos, na medida em que as crianças serão tudo o que não foram ou não puderam ser.

Desde a gravidez, a mãe vai criando, a partir de projeções derivadas de suas experiências infantis, um lugar físico e psíquico para o desconhecido que ocupa seu corpo ou que o invade. Esse novo ser é um estrangeiro, que pode ser recebido como salvador, aquele que veio redimir as falhas das ambições dos pais e suprir todas as faltas; pode ser recebido ainda como intruso, ou aquele que carrega marca de falta ou de fracasso, seja por sua aparência, por seu sexo ou por uma doença. De todo modo, aqueles que recebem o bebê buscam dar-lhe características, torná-lo conhecido, semelhante, inscrevendo-o em sua filiação, que é a forma de transmissão intergeracional (Aragão, 2008).

A gestante realiza um trabalho elaborativo de suma importância para as futuras interações com o filho. Ela carrega em si, ao mesmo tempo, um bebê edípico, que pertence ao nível mais inconsciente e é fruto das suas fantasias infantis de ter um filho com seu pai; o bebê imaginário, pensado através de sonhos diurnos e de expectativas, resultado do desejo de maternidade; e o bebê real, aquele que irá de fato nascer (Lebovici, 1983/1987). As representações sobre o bebê existem muito antes da concepção, remontando, por exemplo, às brincadeiras de boneca e fantasias

adolescentes (Zornig, 2010). O deslocamento dos desejos narcisistas dos pais, ao imaginar o filho, torna possível o apego primordial. Essa mudança de investimento narcísico prepara a mãe para considerar o bebê como o bem mais precioso de sua vida e a ajuda a atravessar as exigências dos primeiros meses de cuidado do recém-nascido (Brazelton & Cramer, 1992).

Assim, tem-se que o vínculo espontâneo entre mães e filhos não é inato e instintivo, como propagado pelo mito do amor materno, e sim construído (Badinter, 1980/1985). Tal construção torna-se prioridade na vida da mulher. Muitos autores (Bydlowski, 2002; Stern, 1997; Winnicott, 1956/2000) versam acerca desse estado especial em que ela se encontra, na gravidez e no pós-parto, e que exige grande trabalho de reorganização psíquica. A preocupação materna primária, conceito desenvolvido por Winnicott (1956/2000; 1987/2020), por exemplo, contraria a ideia de instinto materno e se relaciona com a necessidade vital que o bebê humano tem de que o adulto facilite seus estágios iniciais de desenvolvimento, nos quais é absolutamente dependente. O cuidador que exerce essa função, geralmente a mãe, mostra-se profundamente sensível às vivências do filho, a partir de processos de identificação com ele.

Apoiada no conceito de preocupação materna primária, Bydlowski (2002) elabora o conceito de transparência psíquica, um momento privilegiado de memórias, reelaborações conscientes e inconscientes, em que a mulher está com o olhar interiorizado e muito sensível às questões da gravidez e do nascimento. Nesse mesmo sentido, Stern (1997) propõe a constelação da maternidade como rearranjo temporário da vida psíquica da mulher, em que ocorre realinhamento dos seus interesses e investimentos, tanto objetivos quanto subjetivos.

A transição para a parentalidade é uma das mudanças mais desafiadoras do ciclo de vida familiar (Hintz & Baginski, 2012), podendo ser considerada uma situação de crise, pois, mesmo o casal vivendo uma relação saudável, é esperado que se depare com dificuldades nesses momentos iniciais (Hintz et al., 2015). A família é instituída a partir do nascimento do primeiro filho do casal parental. A conjugalidade não instaura a família, e sim a parentalidade, por conta do elemento geracional que esta introduz (Hintz & Baginski, 2012).

Bernardi et al. (2019) expõem que a decisão de ter filhos é cada vez mais complexa, devido ao aumento da exigência social sobre a parentalidade. Espera-se que os pais cumpram seus papéis com satisfação e se cria pouco espaço para abordar as dificuldades inerentes ao processo. As autoras analisam que as expectativas sobre o exercício das funções parentais são muito elevadas, o que gera nos casais o receio de não terem os recursos necessários para assumirem o projeto parental.

Diante do exposto acerca do crescente questionamento do projeto de ter filhos e algumas das possíveis razões para tanto, cabe estudar o que sustenta o desejo de maternidade na cena contemporânea e quais são os caminhos que ele percorre até se realizar. Assim, este trabalho tem o objetivo de investigar o desejo de filhos em mulheres primíparas.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram da pesquisa dez mulheres pertencentes às camadas médias da população, residentes na cidade do Rio de Janeiro, à exceção de uma, residente na cidade de São Paulo; casadas, legalmente ou não, mães de seu primeiro filho, este com idade entre seis meses e um ano e meio. A idade mínima do bebê garante as experiências iniciais da maternidade, enquanto a idade máxima corresponde aproximadamente ao desmame, à volta da mãe ao trabalho e ao ganho de autonomia do bebê. Durante o período puerperal, que, sob o ponto de vista psicológico, não tem duração definida, a mulher vivencia grande reorganização psíquica (Stern, 1997). Assim, a faixa etária da criança foi escolhida para favorecer as questões abordadas neste estudo. Para a apresentação dos resultados, nomeou-se cada mulher com números de um a 10. A Tabela 1 apresenta os dados sociobiográficos das participantes.

### **Instrumentos**

Na pesquisa mais ampla sobre os primórdios da construção da maternidade, a partir da percepção de mulheres primíparas, na contemporaneidade, que deu origem ao estudo ora apresentado, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a Ficha de Avaliação Biográfica (Anexo I) e uma entrevista virtual baseada em um roteiro semiestruturado (Anexo II). O roteiro foi construído a partir de revisão da literatura, contemplando temas relevantes para os objetivos da referida pesquisa, tais como:



percepção da maternidade; referências de maternidade; desejo de ser mãe; escolha do nome do filho e relação das mulheres com as suas famílias de origem.

**Tabela 1**

*Dados sociobiográficos das participantes e do bebê*

*Nota.* Partic. = participante; Escolar. = escolaridade; Idade cômj. = idade do cônjuge; Temp. casam. =

Partic.	Idade	Profissão	Escolar.	Idade cômj.	Temp. casam.	Sexo bebê	Idade bebê
M1	38	Enfermeira	SC	43	5a	F	9m
M2	24	Analist. markt.	SI	27	2a	M	1a e 5m
M3	36	Psicóloga	E	37	8a	F	1a e 4m
M4	37	Func. pública	M	41	3a	M	8m
M5	33	Bancária	E	36	2,5a	M	6m
M6	37	Psicóloga	E	37	4,5a	F	7,5m
M7	26	Eng. ambiental	SC	24	7m	M	7m
M8	27	Advogada	SC	30	1a e 3m	M	9m
M9	30	Psicóloga	E	36	5a	F	6m
M10	33	Psicóloga	M	41	2,5a	F	8m

tempo de casamento; Sexo bebê = sexo do bebê; Idade bebê = idade do bebê; Analist. markt. = analista de marketing; Func. = funcionária; Eng. = engenheira; SI = superior incompleto; SC = superior completo; E = especialização; M = mestrado; a = anos; m = meses; F = feminino; M = masculino.

## Procedimentos

### De coleta de dados.

As participantes foram indicadas pela rede social da pesquisadora, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas foram feitas virtualmente na plataforma *Zoom* ou por videochamada do *Whatsapp*, no horário escolhido pela participante, durando em média uma hora.

### Cuidados Éticos.

O projeto foi aprovado pela Câmara de Ética da instituição em que a pesquisa foi desenvolvida. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo III) permitindo o uso dos dados em ensino, pesquisa e publicação.

### Análise e discussão dos resultados

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados conforme o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial (Bardin, 2016). Das narrativas emergiram várias categorias de análise. Para atingir os objetivos propostos neste artigo,

serão apresentadas as categorias: *desejo de ser mãe*, e *desejo e planejamento da maternidade*.

### ***Desejo de ser mãe***

O desejo de ser mãe foi relatado por todas as entrevistadas e apareceu no brincar infantil, no contato com outros bebês e no cuidado com animais de estimação. Ao versarem sobre esse tema, as entrevistadas abordaram que, mesmo desejando os filhos, sentiram ambivalências e perdas, mostrando que o vínculo entre mãe e filho não é dado previamente, mas resulta de longo processo de elaboração psíquica (Stern, 1997; Zornig, 2010).

Nos relatos a seguir, esse desejo parece muito antigo, já que algumas mulheres apontaram que o sentiam desde muito pequenas, e nunca se questionaram sobre isso. As brincadeiras de boneca na infância foram trazidas por algumas como parte da resposta ao desejo de maternidade.

Ah, desde pequena, eu sempre, sempre quis ser mãe. Assim, desde a época que eu brincava de boneca, já sabia que eu ia ser mãe algum dia. (...) Nunca, nunca, nunca falei: não quero ser mãe. Nunca assim, nem um diazinho na minha vida. Tipo: ai, quero, o sonho da minha vida é ser satisfeita no trabalho. Meu, eu sempre sonhei em ter uma família, sabe? (M8)

Eu sempre gostei de brincar de boneca e isso é uma coisa muito forte em mim, as minhas bonecas, X e Y, e aquela meu bebê grande e eu usava as minhas roupinhas de quando eu era pequena — que minha avó guardou todas — eu usava nelas, então assim era uma coisa que desde pequenininha eu tenho essa coisa maternal assim, de verdade. É...nunca não passou pela minha cabeça ah, não ser mãe, não existia isso. (M9)

O desejo de ser mãe tem origens conscientes e inconscientes. Nos relatos acima é possível depreender influências inconscientes que permeiam tal desejo, quando falam da experiência de cuidar das bonecas (Stern, 1997; Zornig, 2010). A psicanálise aponta que a pré-história da criança inicia-se na história de cada um dos genitores, portanto muito antes de existir um bebê real. As representações dos pais sobre o filho remontam ao infantil que permanece no adulto, isto é, às fantasias e lembranças de suas relações objetais primárias. Igualmente, essas representações possuem certa função reparadora do narcisismo dos pais, visto que estes depositam no bebê o afeto que julgavam ter tido ou que gostariam de ter recebido (Zornig, 2010).

Além do brincar com bonecas, a proximidade com bebês e crianças pequenas na infância e cuidar de um animal de estimação, na fase adulta, também apareceram como certo treino para o desejo de ser mãe.

Meu pai tem catorze irmãos, minha mãe tem onze, então era muito primo, era muita gente pra poder brincar. Desde menina, sempre tinha criança nova na família (risos). (...) ajudei muito minha mãe cuidando da minha irmã, então eu tinha uma tranquilidade de saber que aqui tem uma rede de embalar, lembro muito disso, que eu cuidava muito da minha irmã pequena e eu trouxe muito isso pra ele, sabe? Logo quando ele realmente chegou eu lembrava muito de minha irmã, então eu repetia muita coisa que eu fazia com ela com ele. (M5)

Na fala de M5, percebe-se que ela se diz tranquila por ter tido bastante contato com bebês ao longo da vida. Winnicott (1987/2020) descreve que as experiências com outros bebês, as brincadeiras de boneca, as lembranças de como foi cuidada fazem parte do repertório da mulher ao se tornar mãe. O autor ressalta que esse repertório pode auxiliar ou atrapalhar o exercício da maternidade e que não necessariamente precisa ser repetido pela mulher com o seu filho.

Ademais, muitos casais contemporâneos “testam” primeiro suas habilidades parentais com animais de estimação, que são colocados em um lugar simbólico de filho.

Eu acho que desde que a gente casou, eu já tinha essa coisa do: ai, tá faltando... alguma coisa assim... eu acho que eu já quero ser mãe. E aí com isso a gente ganhou de casamento um cachorrinho, né? Ele veio numa de dar uma tamponada nesse meu desejo de ser mãe, mas eu sempre quis. (M9)

Giumelli e Santos (2016) e Bernardi et al. (2018) pontuam que cada vez mais os bichos de estimação são considerados membros da família. Giumelli e Santos apontam também que os indivíduos que tiveram contato desde a infância com animais seguem tendo-os como pertencentes à família e passam esse comportamento para os filhos, além de incentivarem outras pessoas a agir dessa forma. A respeito de serem vistos como possíveis substitutos temporários ou permanentes para um bebê humano, tal fenômeno pode ser entendido pela troca significativa de afeto entre tutor-animal, pela relação de cuidados diários, pela prática de educar, pela responsabilidade pela vida e pelo sofrimento nas situações de doença e de morte.

Outro aspecto envolvido no desejo de ser mãe pode ser observado desde a gestação, quando a mulher passa a investir psicologicamente na construção de um lugar para o filho e a se preparar para esse encontro. Quase todas as mulheres relataram o alto nível de dedicação à maternidade relacionando-o com certo abdicar de si. Isso pode ser visto desde a própria gestação, período em que a mulher divide seu corpo com esse bebê, ainda estranho.

Em todos os momentos do dia, você lembra que tem um ser dentro de você, mas, mas eu ainda tava muito pé atrás assim, tipo quem é você que tomou, me tomou tudo assim, sabe? Minha vida, minha saúde, porque minha gestação foi punk, eu tive muitas questões é...eu tive muita enxaqueca, a gravidez inteira e tinha todo dia. Achei que eu tava com tumor assim, fiquei achando loucuras, que tava doendo muito e eu precisava de um diagnóstico, né, tipo ai, que que tá acontecendo? E...é...me perdi um pouco. (M7)

Desde a gravidez, a mulher vai criando, a partir de projeções, o lugar físico e psíquico para receber o estrangeiro que o bebê verdadeiramente é. Será necessário torná-lo conhecido, trabalho que não é previamente dado (Aragão, 2008).

Honestamente o amor não é instantâneo assim, pra mim não foi, sabe? Na verdade foi um processo muito de construção mesmo. Assim, eu consigo pensar alguns momentos muito determinantes: a primeira vez que ele se mexeu dentro de mim, foi muito emocionante, eu comecei a sentir uma conexão maior com ele. E ali acho que foi um momento que começou a crescer um carinho, uma relação e no final da gravidez eu já tava totalmente assim: caraca. Quando ele nasceu, ai, foi muito lindo na real, ele era lindo (risos). (M7)

Foi meio esquisito, confesso, porque li muito sobre o puerpério e o bebê que chora, demanda, quer essa atenção o tempo inteiro e ela dormia muito. Eu tento não ficar contando vantagem pras outras mães, porque sei que essa fase é muito estressante pra muitas. No começo, eu ficava: peraí, cadê aquele bebê que não me deixa tomar banho, não me deixa fazer nada, não me deixa respirar? Fiquei desorientada mesmo. Foi meio esquisito, meio fora do que eu esperava. Acho que me preparei pra um bebê muito difícil. Sei que não tem bebê difícil, é uma palavra ruim, que dá muito trabalho, e ela não deu tanto trabalho. (M10)

M7 relata o percurso trilhado desde a sensação do filho como intruso até o crescente reconhecimento e afeto, sendo um amor construído, como ressalta Badinter (1980/1985). Já M10 esperava por um bebê muito demandante, o que não aconteceu. Lebovici (1987) postula sobre a importância do trabalho imaginativo para o vínculo

mãe-bebê. Ao final da gravidez, as idealizações tendem a diminuir para facilitar o encontro com o bebê real. Vale destacar que os bebês nunca vão corresponder totalmente às expectativas das mães nem estas vão conseguir exercer a maternidade que idealizavam quando grávidas (Zornig, 2010).

De acordo com Bydlowki (2002), a gravidez e o puerpério implicam grande investimento da mulher em um rearranjo psíquico, configurando-se em uma crise maturacional comparável à adolescência, por exemplo, em que certas tarefas precisam ser cumpridas para se alçar uma nova identidade. A sensação de se perder, a perda da identidade e de aspectos da vida anterior, como a liberdade, também foram ressaltadas nos relatos das entrevistadas.

(...) quando você se torna mãe, abre mão de uma parte da sua vida, acho que é um pouquinho de mim querendo gritar assim: olha, você não tem mais aquilo. Entendeu? Porque o bebê foi planejado, eu quis muito ser mãe. Se não fosse a questão da idade, acho que a gente não teria filho essa época ainda, ainda ia ficar mais pra frente, justamente por a gente gostar da nossa vida independente (...). E aí você acaba se anulando um pouco. Acho sim que esses flashes [de viagens], principalmente no momento que tô muito estressada, tô meio cansada, porque a gente tem esses momentos de: ai, não aguento mais, não vou conseguir, que saudade da minha vida antiga! Esses flashes são uma representação disso. (M4)

A fala de M4 corrobora o entendimento de Brazelton e Cramer (1992) e Zornig (2010) sobre o quanto os desejos narcisistas dos pais, depositados no bebê imaginado, preparam para o vínculo com o filho. A construção de um bebê imaginário é fundamental a fim de abrir espaço para o bebê real (Zornig, 2010). A mãe, através do deslocamento de seu narcisismo para o bebê, que passa a ser sua grande riqueza, consegue suportar as altas exigências dos primeiros meses de vida (Brazelton & Cramer, 1992).

Badinter expressa como “teste do sacrifício” (1980/1985, p. 63), o mais evidente símbolo do que se entende por amor parental e, especialmente, amor materno. A autora conclui que o cuidado e a fadiga que um bebê traduz no lar nem sempre agradam aos pais que, em muitos meios, não passam no referido teste, pois não podem ou não querem fazer o sacrifício econômico ou de seus interesses individuais.

As falas de M5 e M8 trazem aspectos de vaidade e autocuidado, do tempo de que dispunham para si e agora está investido no bebê:

(...) quero ter outro filho, mesmo sabendo que é muito perrengue, que você não dorme, às vezes três horas da tarde é a hora que vou tomar um banho. Olha o cabelo oleoso! Você se abdica muito de você (risos) e eu sou mega vaidosa! E você se abdica muito de você pra cuidar daquele serzinho, mas com o mesmo tempo, nossa, passa tão rápido, mas passa tão rápido! (M5)

(...) parece que a maternidade é um mundo maravilhoso, só que ninguém vê o que acontece nos bastidores. Tipo eu não faço a sobancelha acho que desde o ano passado assim, que antes eu fazia a mão toda semana, me cuidava. Roupa eu tenho duas calças que são as de gestante que entram em mim. Mas não é uma coisa que eu falo: meu, tá me fazendo mal, sabe? Abdica, abdiquei do meu corpo (...) É chato? É, mas são coisas secundárias, sabe? (M8)

Embora todas as entrevistadas tenham afirmado a escolha por ser mãe, reconhecem as dificuldades, inquietudes e privações que acompanham essa tarefa de cuidado, sem idealizações de suas vivências (Badinter, 1980/1985). Para Badinter (2010/2011) não ser destino obrigatório não garante necessariamente uma melhor maternidade, como se acreditaria. Ocorre que essa função aumenta de forma considerável as responsabilidades em um momento histórico que valoriza o individualismo (Matos & Magalhães, 2014). Tamanha dedicação pode ser entendida como um dos motivos para a ambivalência dos casais contemporâneos frente ao desejo de se tornarem pais.

Tal investimento na criança é também de ordem psicológica. Conforme visto anteriormente, Stern (1997), Winnicott (1956/2000) e Bydlowski (2002), cada um ao seu modo, descrevem um estado psicológico muito particular em que a mulher entra no final da gestação e início do pós-parto e que poderia ser visto como patológico, se não ocorresse dentro desse contexto. Eles concordam acerca do aspecto saudável desse estado alterado de funcionamento psíquico, em que afloram conteúdos inconscientes e a mãe está extremamente sensível ao bebê; o que, em termos winnicottianos, seria a mãe devotada.

(...) muitas [lembranças] mesmo, desde que ela nasceu, na verdade desde a minha gestação assim, né? É...olha o ato falho, né? Desde a minha gestação não, desde a gestação dela, né?! (risos) Eu já nem sei mais o que que sou eu o que que sou eu. Muitas vezes quando eu tava grávida eu pensava muito sobre isso, muito mesmo. É questão de análise assim, né? Muito. (M6)

Winnicott (1956/2000; 1987/2020) comenta sobre a capacidade da mãe de oferecer os cuidados suficientemente bons ao bebê em função da profunda e crescente identificação com ele. Nesse estado de preocupação materna primária, a mãe é capaz de se colocar na vivência do bebê, de maneira muito sensível. Ela pode quase se perder nessa identificação, de modo que, de maneira mais ou menos pontual, sabe do que ele precisa naquele momento de um jeito que nenhuma máquina pode imitar e que não pode ser ensinado. Ao mesmo tempo, a mãe sabe que continua a mesma e está consciente da necessidade de proteção, enquanto se encontra nesse estado que a torna vulnerável, pois assume a vulnerabilidade do bebê.

### ***Desejo e planejamento da maternidade***

Nesta categoria será trazida a discussão sobre o desejo de ter filhos e o planejamento envolvido na sua realização, visto que a maior parte das mulheres relatou pensar em uma idade propícia para se tornar mãe, devido a diversos fatores, como casamento, trabalho e momento econômico. Por outro lado, duas entrevistadas foram surpreendidas com a gravidez, pois esta não foi planejada, como gostariam, e vivenciaram esse período de maneira mais ambivalente.

Tive sim, não foi muito planejado, foi meio sem querer, mas quando eu soube, eu fiquei muito, muito feliz. Eu gostei ali desde o primeiro momento, a primeira pessoa que eu falei foi pra minha mãe, não foi o [parceiro]. (...) Descobri que tava grávida com 22 anos, outras meninas da minha idade iam falar assim: cara, por que essa garota não tá falando pros outros que tá grávida? Caraca, por que, sabe? Eu tava me sentindo tão bem, sabe? Então, eu ficava: caraca, como as pessoas não gostam de ser mãe? Mas, assim, não gostam, não querem. E veio sem querer e foi, mas eu sempre tive desejo, sempre. (M2)

Eu sempre quis ser mãe. Só que eu achava que ia ser mãe depois dos 30, no mínimo, mas... sempre quis. Tanto que, enfim, foi uma grande questão quando eu soube que tava grávida. Eu pensei bastante em abortar, porque...porque eu tava com o [parceiro] há muito pouco tempo, a gente se conhecia pouco e não tava nos meus planos, tinha acabado de me formar. Enfim, botei tudo na balança e pensei: no final das contas não era uma coisa tão absurda, sabe? Saiu um pouco do planejamento, mas eu sempre quis. Eu acho que o amor é totalmente construído, hoje eu sinto que a cada mês acho que amo ele um pouquinho mais, sabe? A gente tem mais troca e ele recebe as coisas que eu faço, ele vai cada vez se apegando mais a mim e eu a ele, tem sido um processo assim. (M7)

Pode-se pensar na fala de M2 como ambivalente, ao dizer que estava se sentindo bem grávida, mas não contava aos outros sobre a gravidez; e na de M7, a ambivalência fica evidente ao cogitar o aborto. Vale explicitar que a certeza do desejo de ser mãe, ressaltada por todas as entrevistadas, não isenta as mulheres de dúvidas sobre ser um bom momento e se é isso mesmo o que querem. Nesse sentido, Aragão (2008) aponta que o trabalho psíquico dos pais abarca lidar com a ambivalência inevitável no encontro com esse outro que o bebê representa, mesmo quando ele foi desejado, fantasiado e imaginado.

Esta autora lembra ainda que todo encontro com o outro tem um potencial traumático, pois ataca o narcisismo. É importante destacar que M2 e M7 colocam o momento da gestação como problemático, e não o fato em si. Essa situação vai ao encontro da pesquisa de Dadoorian (2000), que ressalta que a decisão de interromper a gravidez está muito relacionada aos aspectos psicossociais. Assim, jovens mães de classe média apresentam a tendência de não querer a gestação, pois a enxergam em parte como empecilho para seus estudos, trabalho e vida social.

Na contramão de M2 e M7, as mulheres mais novas da pesquisa e que foram surpreendidas pela gestação, M1, M4 e M6, as mais velhas, chegaram a pensar que precisariam de auxílio médico. Elas foram mães com 37 anos, M1 demorou quase um ano para conceber, enquanto M6 relatou dois anos de tentativa. Na fala de M4, também se percebe a preocupação com a idade e com o simbolismo do relógio biológico.

Eu sempre quis ser mãe, só que eu nunca achava que tinha chegado a hora. Por medo do desconhecido, da responsabilidade de criar um ser humano, da mudança de vida, né? Então, eu tinha muitos medos e a minha mãe sempre disse assim: ah, eu tive filho velha - com 31 anos, né?! Então, desde pequena, eu sempre falei: ah, só vou querer ter filho velha também! Mais de 30! Porque achava que ter com 30 era velho, né? Aí fiz 30, aí ela: não, não, agora os tempos são outros, vamos deixar mais pra frente! Uma vez conversando com a minha prima, ela falou: um dia o seu relógio biológico vai apitar. Eu não acho que o meu relógio biológico apitou, acho que foi mais a questão do relógio cronológico. No dia que fiz 35 anos, eu pensei: caramba, no dia que eu quiser ter um filho não vou mais poder. Ah, meu Deus, e agora? Foi uma coisa assim, bem, é planejado mesmo, mas acho que foi mais por causa da questão da idade do que por causa da questão do desejo. (M4)



No extremo da realidade dessas três mulheres, Badinter (2010/2011) coloca que algumas adiam até se verem na menopausa e não poderem mais conceber, renunciando involuntariamente à maternidade biológica. A fala de M4 corrobora o que postula a autora no sentido de que “a fibra materna” (p. 32) aparece timidamente por volta dos 30 anos e de forma mais enérgica entre os 35 e 40 anos. Segundo esta filósofa, a existência do relógio biológico é que força as mulheres a tomarem a decisão e, muitas vezes, deixa a impressão de que a exigência da idade e o medo da perda da possibilidade de ser mãe são os determinantes para tanto, mais do que o irresistível desejo por um filho.

A escolha pelo momento de ser mãe também está relacionada às condições conjugais e afetivas. As falas seguintes trazem as responsabilidades afetivas e financeiras que um filho representa e o desejo de se sentir mais estabelecida na vida para fazer frente às exigências desse momento, assim, adiando o projeto parental.

Tive muito desejo. Ele na verdade ficou estagnado um tempo porque eu não queria simplesmente ser mãe, eu queria ser mãe com alguém, tava muito atrelado a dar um pai pro meu filho. [Marido] lembra de uma passagem do nosso início de namoro que eu falei pra ele: vou ter um filho seu. Não, peraí, deixa eu reformular: vou ter um filho com você. (M1)

Então, eu queria ser mãe, nunca tive aquele sonho de ser mãe, nunca. Eu sonhei assim era pra casar. Mas de sonhar de ser mãe eu não tinha isso. A partir do momento que a gente casou, eu sabia que eu queria ter um filho e [marido] também, a gente sempre conversou muito sobre isso. A gente só falava assim: ah, depois de dois anos de casados, pra curtir um pouquinho o casamento, porque a gente passou três anos e três meses namorando à distância e aí vamos curtir nosso casamento e depois a gente tem filho. (M5)

Nos relatos acima, depreende-se a ênfase na vivência e no fortalecimento enquanto casal para ter filhos. A transição para a parentalidade é dos momentos mais desafiadores do ciclo de vida familiar, pois envolve mudanças significativas no papel de cada membro do casal (Hintz & Baginski, 2012; Hintz et al., 2015), sofrendo influências de fatores conscientes e inconscientes, bem como de fatores objetivos e subjetivos (Zornig, 2010; Moro, 2005).

Bernardi et al. (2018) explicita a tensão que a mulher vivencia entre o investimento no casamento, bem como na carreira profissional, versus o tempo mais

adequado biologicamente para se tomar mãe. As narrativas seguintes evidenciam como os fatores financeiros também interferem nesta equação.

Eu foquei muito na minha carreira e nos meus estudos. Eu falava que, se um dia eu pudesse ter filho, eu ia ter. Essa era a frase que eu sempre repetia, minha mãe me chamava até de egoísta. Quando eu fui me aproximando dos 30 anos, é que veio muito forte uma coisa que eu falei: cara, eu tenho que equilibrar minha vida aqui pra eu conseguir ter filho em algum momento, né? Porque se não, não vai dar. É porque chega uma hora, da mulher contemporânea assim, acho que tem muito da classe média também, da possibilidade que eu tive de estudo, das pessoas que têm acesso ao estudo, uma condição um pouco melhor, querer adiar um pouco aí a maternidade pra poder investir numa carreira, né? (M6)

Eu já questionei momentos, né? (...) A minha avó teve a minha mãe com 26 e a minha mãe me teve com 26. E aí ficava aquela expectativa de se eu ia ter filho com 26, né? E aí foi sendo uma escolha também deixar isso pra depois por uma questão de momento econômico, né? Assim, antigamente não tinha tanto as exigências profissionais que a gente tem. E a dificuldade mesmo financeira de manter uma criança e tal, que continuamos tendo, mas só jogou um pouco mais pra frente. Mas eu meio que quebrei esse padrão geracional, que acabei tendo a [bebê] com 30. (M9)

Matos e Magalhães (2014) afirmam que, até a década de 1960, não ter filhos era visto como atitude egoísta. Nas décadas seguintes, o enfoque mudou para a realização pessoal e os casais passaram a adiar a vinda do filho até próximo ao fim de seus ciclos reprodutivos. O projeto parental também tem sido postergado para dar conta de diversas demandas da contemporaneidade relativas à vida privada, ao trabalho e ao meio social. Como exemplo, tem-se a dedicação aos estudos para obter melhor colocação profissional e o alcance mais tardio de estabilidade financeira. Valores como o individualismo, o ganho de importância das relações interpessoais e a diminuição da dependência entre os cônjuges tornam mais complexa a relação a dois e a escolha por um terceiro elemento em tal arranjo (Bernardi et al., 2018).

Badinter (2010/2011) também relaciona o adiamento do projeto parental à realização de outras aspirações do casal e ao momento indeterminado de se sentirem mais prontos. Em nível socioeconômico, percebe-se a diferença pontuada pela autora sobre tal desejo nas mulheres diplomadas, que investem na carreira, e as que não têm

tanto acesso ao ensino formal. As primeiras adiam por mais tempo ou até mesmo não se tornam mães, enquanto as segundas tendem à escolha inversa.

Na atualidade, há idealização do momento perfeito da maternidade e o desencontro das altas demandas sociais com as possibilidades biológicas de reprodução. A economia tem grande influência na contemporaneidade e nas decisões sobre ter filhos, quantos, como e quando. Em grande parte, é por conta dessa influência de padrões elevados de consumo, e das demandas criadas pelo social, que os casais costumam questionar se possuem bens materiais suficientes para arcar com os custos de serem pais, e, assim, se testemunha o adiamento do projeto parental (Matos & Magalhães, 2014).

Outro aspecto do planejamento foi um tema que surgiu espontaneamente nas entrevistas: o desejo por mais filhos. Metade das mulheres mencionou o desejo de ter um segundo filho. Por outro lado, algumas mulheres diminuiriam o número de filhos que gostariam de ter a partir da chegada do primeiro.

Então, eu sempre quis, sempre quis ser mãe, sempre. Mas antes eu falava que queria ser mãe de três, agora eu falo que só quero ser de um mesmo! (risos). (M2)

(...) desde pequena eu sempre falava: eu quero ser mãe de dois meninos e duas meninas. Atualmente, isso já mudou um pouco, porque depois que o primeiro filho nasce, você vê que não é bem assim! (risos). (M8)

As falas acima demonstram a mudança de percepção das mulheres sobre o desejo de ter mais filhos, a partir do momento em que tiveram o primeiro. Esse achado articula-se com as colocações de Badinter (1980/1985; 2010/2011) quando ressalta que o alto grau de exigência dos cuidados com as crias faz com que as mulheres tenham menos filhos a fim de poderem investir mais neles.

Nesse mesmo sentido, na fala de M3, vê-se a possibilidade de querer mais um bebê, porém com intervalo de tempo, dado o alto investimento afetivo.

Acho que o desejo ajuda a superar essas partes mais difíceis. Eu tenho muito essa preocupação de ser muito assertiva, amorosa, falar coisas amorosas, abraçar muito, muito contato físico... tô amamentando e (...) sei que em algum momento vou cansar (...). É uma escolha muito consciente e me entrego pra aquilo e é isso aí. Se o resto da casa não funcionar porque eu tô amamentando minha filha, tudo

bem. Não vai funcionar. A minha preocupação é muito mais com ela, com o afeto do que com as coisas externas. Também por isso talvez eu não tenha outro filho tão cedo. (M3)

Ribeiro et al. (2017) pontuam que é preciso abrir espaço psíquico para um segundo filho, por meio da identificação como mãe de dois, a abertura de espaço na relação com o filho mais velho, com o marido e mesmo no lar da família. A reorganização da identidade da mulher ocorre na chegada do primeiro bebê, mas o segundo a leva a revisitar essa experiência, até mesmo como oportunidade de fazer escolhas diversas.

Por fim, tem-se que o planejamento de mais filhos é motivado também pela vivência da mulher na relação com os seus irmãos.

(...) olhando pra minha infância, é...que eu me senti muito acolhida e que eu vi que eu era feliz com os meus irmãos, por ter irmãos, eu penso muito em dar isso pro [bebê]. Na verdade isso é uma pequena frustração já do tipo: caraca, deu um pouco errado esse plano aqui, tipo não tinha intenção de engravidar agora e eu não vou ter um filho agora, sabe? Isso é uma coisa que eu penso, queria ter tido, dar irmãos pra ele mais ou menos da mesma idade e que não vai rolar, por enquanto [faz voz irônica]. (M7)

A relação entre os irmãos traz segurança e proteção. Além disso, ela auxilia em processos de aprendizagem de cooperação, companheirismo e formas de lidar com a rivalidade. Esta, que seria direcionada aos pais, costuma ser colocada na relação com os irmãos, pois encontra nela menos impeditivos morais e coercitivos. Assim, é um grande treino para a socialização, um protótipo da vida em sociedade (Magalhães et al., 2017). Já sob o aspecto da estrutura familiar, pode-se entender este subsistema central como indissolúvel e dos mais duradouros, na medida em que os irmãos costumam pertencer à mesma geração. Ressalta-se que o laço conjugal pode ser dissolvido, mas não o parental. No caso da relação entre irmãos, os laços são também indissolúveis. Isso gera consequências psíquicas relevantes, pois este último subsistema, a fratria, ganha força na sustentação do continente psíquico familiar, em momento de tendência de enfraquecimento dos eixos verticais, eixos da transmissão geracional (Magalhães et al., 2017).

### **Considerações finais**

A presente pesquisa buscou investigar o desejo de ser mãe na contemporaneidade e os caminhos apontados pelas mulheres desde a vontade até a sua realização. Devido a importantes mudanças sociais ocorridas, principalmente, desde a década de 1960, a maternidade vem tomando-se cada vez menos fruto de um mandato biológico. A tendência aponta para maior questionamento do projeto de ter filhos pela mulher ou pelo casal, resultando em reflexões sobre as vantagens e os inconvenientes dessa escolha.

Percebe-se que ela é marcada por ambivalências, pois o desejo de ser mãe, quando existe, não é isento de dúvidas. Isso ocorre por uma série de fatores, tanto de ordem objetiva, como a dificuldade financeira de criar um filho nas grandes cidades, quanto subjetiva, a transição para a parentalidade, por exemplo.

Todas as participantes relataram ter tido o desejo de se tornarem mães. Os caminhos desse desejo foram narrados por alguma delas como presentes desde a infância, quando brincavam de boneca. A proximidade com bebês e o cuidado de animais também foram relacionados à vontade de ter filho. Foram apontados como percalços, no caminho da realização desse desejo, as dificuldades de conciliar as altas exigências sociais sobre a parentalidade com as exigências conjugais, profissionais e financeiras.

A fim de equacionar esse impasse, o caminho vislumbrado por todas as entrevistadas foi adiar o projeto parental. Apenas duas delas viveram gestações não planejadas. A questão do planejamento apareceu como tentativa de busca pelo momento ideal de vida para se tornar mãe. Como alguns dos motivos para adiar essa decisão foram citadas: a perda do equilíbrio conquistado pelo casal; a abnegação e as responsabilidades envolvidas; a concretização de outras ambições de cada membro do casal; a busca inicial por melhor condição econômica; a dificuldade de conciliar trabalho e família.

Por outro lado, foi trazida a preocupação com o fim da vida fértil, através do simbolismo do relógio biológico. Mesmo com as novas tecnologias de reprodução, há o risco de chegar ao fim do período fértil e não ter mais a escolha de engravidar. Na medida em que esse período não é pré-determinado na biologia feminina, aparece como receio na fala das mulheres a perda dessa janela de oportunidade.

Não menos importante, o caminho subjetivo que precisa ser percorrido pela mulher desde o desejo até a concepção é longo. Na gravidez e no pós-parto, como foi visto, muitos autores (Bydlowski, 2002; Stern, 1997; Winnicott, 1956/2000) debruçaram-se sobre o tema de como a mulher reorganiza-se psiquicamente para receber o bebê e o quanto o trabalho imaginativo feito é fundamental para o estabelecimento do vínculo (Brazelton & Cramer, 1992; Lebovici, 1987).

Conclui-se, a partir de todo percurso necessário do desejo à realização do ideal de ser mãe, que a maternidade é um processo de construção contínuo, atravessado por uma pluralidade de contingências: familiares, econômicas, culturais e sociais. Contrariando a existência de algo inato e previamente dado, como o instinto materno em todas as mulheres, os resultados apontam para o alto grau de investimento psíquico no trabalho de tomar-se mãe, que remonta aos desejos infantis dos pais, portanto, é bem anterior à concepção do bebê real.

Ressalta-se que o significado do desejo de ter filho e a idade da mulher no nascimento do primeiro bebê apresentam variações conforme a classe social, o acesso aos estudos e às oportunidades profissionais. Assim, seria importante investigar não só outros recortes econômicos, mas também raciais, etários e de outras configurações familiares, como as mães-solo e os casais homoafetivos.

## Capítulo 3

### Construindo a maternidade: inspirações

#### Resumo

O presente trabalho é parte de investigação mais ampla sobre os primórdios da construção da maternidade na contemporaneidade e tem como objetivo estudar as referências de maternidade para mulheres primíparas. Realizou-se pesquisa qualitativa por meio de entrevistas virtuais com dez mães de bebês de seis meses até um ano e meio. Os dados obtidos foram avaliados pelo método de análise de conteúdo na sua vertente categorial e emergiram várias categorias de análise. Tendo em vista os objetivos deste estudo, será apresentada e discutida a categoria referências de maternidade e suas subcategorias escolha do nome do bebê e referências de cuidado. Os resultados apontam que as mulheres possuem múltiplas inspirações de maternidade e que a literatura clássica ainda é capaz de fundamentar as mudanças vistas, em que pese a maior participação do pai nesse contexto.

*Palavras-chave:* escolha do nome do filho; referências de maternidade; contemporaneidade.

#### Building motherhood: inspirations

#### Abstract

This work is part of a broader research on the beginnings of motherhood construction in contemporary times and aims to investigate motherhood references for primiparous mothers. A qualitative research was made through virtual interviews with ten mothers of babies between six months and one year and a half. The data were evaluated by the categorical aspect of the content analysis method and various categories of analysis emerged. In view of the objectives of this study, the category motherhood references and its subcategories choice of the baby's name and care references will be presented and discussed. The results suggest that women have multiple motherhood inspirations, and that classic literature is still capable of explaining the changes identified despite the father's greater participation in this context.

*Keywords:* choice of the baby's name; motherhood references; contemporaneity.

Ao longo dos últimos séculos, houve mudanças significativas no que tange à maternidade nas sociedades ocidentais. Ariès (1978) lembra que o infanticídio era prática tolerada até o final do século XVII, mesmo sendo crime, e era costume mandar as crianças para amas de leite, sendo afastadas das próprias mães. Na Idade Média, não existia a consciência da particularidade infantil e, aproximadamente aos sete anos, ou assim que não precisasse da solicitude constante da mãe ou da ama, a criança era introduzida na sociedade dos adultos, em termos atuais, pois tais diferenciações etárias (crianças e adultos) não existiam à época.

Apenas por esse breve apontamento histórico, percebe-se como a dimensão do cuidado com o bebê modificou-se e segue em plena revolução. Segundo Ariès (1978), foi a partir da concepção de infância como momento privilegiado para a formação humana que o papel da mulher ganhou novos contornos, expressos em mais exigências. Os discursos médicos, religiosos e Estatais convergiram para persuadir as mães a serem não apenas cuidadoras, mas ocuparem a função de cuidadoras principais (Badinter, 1980/1985).

A compreensão da maternidade não se reduz a uma concepção universal, pois varia de acordo com o contexto político, social, econômico e histórico e possui, inclusive, significados diversos dentro de uma mesma sociedade (e.g. Dadoorian, 2000). Segundo Badinter (1980/1985), o mito do amor materno, que naturaliza o vínculo afetivo entre mãe e filho, foi sendo propagado a partir do fim do século XVIII. Endossar um suposto instinto maternal de cuidado e afeto, ideologicamente designou à mãe o papel histórico de cuidadora de forma progressiva, enquanto retirava o pai desse contexto. Para a mesma autora, as teorias psicanalíticas ajudaram a restringir a atuação da mulher aos cuidados com os filhos.

Iaconelli (2015) concorda com essa crítica em parte, ao ponderar que, se por um lado, a psicologia e a psicanálise ajudaram a definir cuidados imprescindíveis para a saúde mental da criança, por outro lado reforçaram ser a mulher a cumprir tal empreitada. Segundo a autora, o discurso de alguns psicanalistas do século XX, como Winnicott, herda o pensamento filosófico e médico de enaltecer o lugar de cuidadora da mulher-mãe.



No cenário contemporâneo, as expectativas de uma mãe que saberia atender às demandas do filho de maneira natural e espontânea coexistem com o sentimento de perda das capacidades de conceber, gestar, parir e aleitar, na medida em que essas últimas se encontram cada vez mais mediadas pela biotecnologia e menos ligadas à emancipação do corpo feminino, muitas vezes visto como defeituoso. A mulher é incitada a corresponder ao imaginário de maternidade de duzentos anos que ainda vigora e supõe um saber atávico existente nela sobre tudo o que diz respeito à maternagem. A ampliação de seu papel social, com a maior participação na vida pública e no mercado de trabalho, é inconciliável com a dedicação integral ao filho. Soma-se a isso o enfraquecimento da transmissão social dos saberes, quanto aos cuidados de bebês, como fatores que desautorizam a mulher a lidar com o próprio corpo (Iaconelli, 2015).

Assim, pode-se pensar que a mulher urbana de classe média está cada vez mais afastada desses supostos conhecimentos naturais que envolvem as dimensões de gestar, parir, nutrir e cuidar. Além da medicalização e do controle do corpo já citados, pode-se pensar que, a partir da diminuição significativa do número de filhos nas famílias (Badinter, 2010/2011) e da escassez de redes de apoio nas grandes cidades (Bernardi et al., 2018), convive-se menos com crianças pequenas. Isso pode levar a inseguranças quanto à forma de exercer a maternidade, pois se entende tratar de um aprendizado, o qual engloba observação e experiência prática (Iaconelli, 2015; Winnicott 1987/2020).

Ao mesmo tempo, a cobrança social sobre o exercício da parentalidade parece aumentar. Além do investimento de dinheiro e tempo inerente à chegada de um novo membro da família, a valorização da individualidade e da liberdade de escolha na atualidade faz com que o casal experimente ambivalências quanto ao desejo por filhos (Bernardi et al, 2019). Somado a isso testemunha-se mudanças a respeito do papel de pai, que se expressam em maior expectativa de participação do homem na família, desde a gestação até o cuidado do bebê (Matos et al., 2017).

A primeira experiência de maternidade inaugura uma crise maturacional no psiquismo da mulher, em que a questão que se coloca é a mudança geracional irreversível, de filha para mãe. Tal fato desperta ansiedades e conflitos latentes, mas também abre caminho para novas potencialidades e engajamentos necessários para a

formação de uma nova identidade. Nesse contexto, o apelo ao auxílio de um referencial que a mulher considera sólido e bem-vindo é observado pelos profissionais atuantes no ciclo gravídico-puerperal e se entende que esse período é propício para o estabelecimento de uma boa aliança terapêutica (Bydlowski, 2002).

Diante disso, questiona-se quais são as fontes de inspiração para as mulheres no processo de se tornarem mães. Na tentativa de responder a essa indagação, fez-se um recorte sobre dois momentos: o da escolha do nome do bebê e o da seleção de referências para o exercício do cuidado deste.

A escolha do nome é relevante na medida em que dá existência para o bebê, pois tudo que existe é nomeado. O nome e o sobrenome conferem o pertencimento ao grupo familiar, importante contorno identitário que abarca cargas conscientes e inconscientes (Iaconelli, 2019; Rodrigues, 2016). As motivações para a escolha de um dado nome apontam para a expectativa dos pais sobre quem será esse filho, na medida em que se sabe que eles são cocriadores da vida subjetiva dos filhos e que cada bebê é portador de um mandato transgeracional (Dadoorian, 2016).

A partir da criação desse espaço psíquico para o bebê que o nome ajuda a tornar mais real, a mulher vai vivenciar-se enquanto mãe pela primeira vez na gestação e nos cuidados com o filho. Vale ressaltar que o bebê tem papel ativo na qualidade e quantidade dos cuidados que recebe, portanto influencia na interação com os pais (Dadoorian, 2016; Moro, 2005). Igualmente, sabe-se que diversos autores (Bydlowski, 2002; Stern, 1997; Winnicott, 1956/2000) tratam das referências com as quais a recém-mãe dialoga na busca por seu caminho singular de maternidade. Embora consagradas na literatura, questiona-se a validade dessas teorias ao se considerarem mudanças sociais significativas nas últimas décadas, que reconfiguraram o papel social da mulher.

Diante do exposto sobre a relevância da criação de um lugar de identidade e de cuidado para o bebê, que não é dado a priori, e sobre como os aspectos subjetivos e práticos de tal construção social passam por processos de mudanças importantes, o presente artigo tem como objetivo estudar as referências de maternidade para mulheres primíparas.

## **Método**

### **Participantes**

Participaram da pesquisa 10 mulheres pertencentes às camadas médias da população, residentes na cidade do Rio de Janeiro, à exceção de uma, residente na cidade de São Paulo; casadas, legalmente ou não, mães de seu primeiro filho, este com idade entre seis meses e um ano e meio. A idade mínima do bebê garante as experiências iniciais da maternidade, enquanto a idade máxima corresponde aproximadamente ao desmame, à volta da mãe ao trabalho e ao ganho de autonomia do bebê. Durante o período puerperal, que, sob o ponto de vista psicológico, não tem duração definida, a mulher vivencia grande reorganização psíquica (Stern, 1997). Assim, a faixa etária da criança foi escolhida para favorecer as questões abordadas neste estudo. Para a apresentação dos resultados, nomeou-se cada mulher com números de um a 10. A Tabela 1 apresenta os dados sociobiográficos das participantes.

## Tabela 1

### *Dados sociobiográficos das participantes e do bebê*

*Nota.* Partic. = participante; Escolar. = escolaridade; Idade cômj. = idade do cônjuge; Temp. casam. = tempo de casamento; Sexo bebê = sexo do bebê; Idade bebê = idade do bebê; Analist. markt. = analista de marketing; Func. = funcionária; Eng. = engenheira; SI = superior incompleto; SC = superior completo; E = especialização; M = mestrado; a = anos; m = meses; F = feminino; M = masculino.

Partic.	Idade	Profissão	Escolar.	Idade cômj.	Temp. casam.	Sexo bebê	Idade bebê
M1	38	Enfermeira	SC	43	5a	F	9m
M2	24	Analist. markt.	SI	27	2a	M	1a e 5m
M3	36	Psicóloga	E	37	8a	F	1a e 4m
M4	37	Func. pública	M	41	3a	M	8m
M5	33	Bancária	E	36	2,5a	M	6m
M6	37	Psicóloga	E	37	4,5a	F	7,5m
M7	26	Eng. ambiental	SC	24	7m	M	7m
M8	27	Advogada	SC	30	1a e 3m	M	9m
M9	30	Psicóloga	E	36	5a	F	6m
M10	33	Psicóloga	M	41	2,5a	F	8m

### **Instrumentos**

Na pesquisa mais ampla sobre os primórdios da construção da maternidade, a partir da percepção de mulheres primíparas, na contemporaneidade, que deu origem ao estudo ora apresentado, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a Ficha de Avaliação Biográfica (Anexo I) e uma entrevista virtual baseada em um roteiro semiestruturado (Anexo II). O roteiro foi construído a partir de revisão da literatura,

contemplando temas relevantes para os objetivos da referida pesquisa, tais como: percepção da maternidade; referências de maternidade; desejo de ser mãe; escolha do nome do filho e relação das mulheres com as suas famílias de origem. Procedimentos

#### **De coleta de dados.**

As participantes foram indicadas pela rede social da pesquisadora, constituindo uma amostra de conveniência. As entrevistas foram feitas virtualmente na plataforma *Zoom* ou por videochamada do *Whatsapp*, no horário escolhido pela participante, durando em média uma hora.

#### **Cuidados Éticos.**

O projeto foi aprovado pela Câmara de Ética da instituição em que a pesquisa foi desenvolvida. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo III) permitindo o uso dos dados em ensino, pesquisa e publicação.

#### **Análise e discussão dos resultados**

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados conforme o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial (Bardin, 2016). Das narrativas emergiram várias categorias de análise. Para atingir os objetivos propostos neste artigo, será apresentada e discutida a categoria *referências de maternidade* e suas subcategorias.

#### ***Referências de maternidade***

Especialmente na primeira gestação, a mulher vive intenso processo de busca por referências a fim de se constituir enquanto mãe e para receber o bebê. Esse processo é bem documentado na literatura e sua existência é esperada, saudável e absolutamente vital (Bydlowski, 2002; Moro, 2005; Stern, 1997; Winnicott, 1956/2000). Com o intuito de investigar as referências que servem de inspiração às mulheres, a presente categoria desdobra-se em duas subcategorias: *escolha do nome do bebê* e *referências de cuidado*.

#### ***Escolha do nome do bebê***

Essa subcategoria, *escolha do nome*, versa sobre quais as referências utilizadas pelos pais para chegar à decisão final de como chamar o filho.

O ato de escolher o nome do bebê é dos mais importantes na construção da parentalidade, já durante a gravidez. Até a confirmação do sexo, os pais costumam ir

dialogando sobre as preferências de nomes femininos e masculinos. É provavelmente uma das primeiras decisões que o casal terá que tomar acerca do bebê que está por vir. Trata-se, também, de uma escolha em princípio definitiva, na medida em que não é prática usual a alteração do nome de nascimento.

Os pais costumam investir grandes esforços na direção de escolher o nome mais bonito, sonoro e significativo. Assim, na presente categoria aparecem resultados acerca da preferência pelo sexo, da pressão social pela escolha, do nome como marca geracional e como construção do lugar psíquico do bebê para os pais.

No momento da escolha do nome, surge a questão do gênero. A maioria das mulheres não relatou preferência por um gênero, nem sua nem do seu parceiro. Apenas três abordaram expressamente o tema, porém duas com mais ênfase, provavelmente por terem tido o sexo oposto ao que desejavam em princípio:

Então, eu queria ter uma menina, o pai dele também queria ter uma menina. E aí a gente tinha certeza que era uma menina, porque os dois queriam uma menina e todo mundo falava: ai, [nome de M2], você tem cara de mãe de menina! Ah, [parceiro], você tem cara de pai de menina! E a gente tinha total certeza que era uma menina e aí chamava [nome de menina], sempre quis colocar o nome de [nome de menina]. E menino eu nunca tive nome, nunca. Cara, a minha cara quando eu soube, eu fiquei assim...assim, eu gostei, é lógico que eu gostei, mas eu me via muito mãe de menina. (M2)

Ai, cara, é muito doido isso. Primeiro, na verdade eu sempre achei que eu fosse ter um menino. Sempre não, tem um momento que aí envolve o candomblé nisso, mas assim, antes disso, eu sempre me imaginei mãe de menina mesmo. Aí eu participei de uma iniciação no candomblé (...), eu ia ser mãe de menino e tava claro, porque foi me dito pelos céus que eu ia ser mãe de menino. E quando na ultra veio uma menina, eu falei: caraca. E aí já tinha nome de menino, sabe?! Aí a gente ficou nessa só pensando nome de menino. E aí na ultra veio menina e eu fiquei super feliz, mas confusa ainda um tempo: caraca, como assim, erraram? Erraram?! (M9)

A literatura ressalta que a escolha do nome é um aspecto importante do bebê imaginário e do lugar que ele ocupa na fantasia materna (Piccinini et al., 2003). Muitas vezes, os membros do casal não admitem que possuem franca preferência por um gênero e lidar com isso, principalmente quando vem um bebê do sexo oposto, também é parte do processo de aceitação do bebê real em detrimento do bebê imaginado.

Piccinini et al. (2003) notaram que as gestantes cujo o sexo do bebê não foi correspondente às suas expectativas escolheram o nome da criança. Os autores hipotetizam que pode ser uma forma de as mães compensarem a decepção com a realidade e se espelharem de alguma maneira nos filhos. M2 e M9 precisaram fazer essa conciliação de expectativas, porém não ficou tão explícito esse achado de escolherem o nome como forma de lidar com o sexo oposto ao desejado inicialmente, mesmo que as falas indiquem que a escolha partiu das mães e foi aceita pelos pais da criança.

Em pesquisa com 16 adolescentes primíparas, no segundo trimestre da gestação, Budzyn et al. (2017) investigaram as representações físicas e emocionais das mães sobre o bebê, como a preferência pelo sexo e o motivo da escolha do nome, por exemplo. As autoras concluíram que tais representações são bastante semelhantes com as de gestantes adultas, aparentando não sofrer alterações significativas em se tratando de idade, bem como de nível socioeconômico e cultural.

Na pesquisa citada, os motivos para a escolha do nome foram diversos: ser bonito, diferente, forte, composto, de celebridade ou de parente/conhecido. No presente estudo, há duas semelhanças: os nomes foram escolhidos, em sua maior parte, pelas mulheres e os motivos apresentados são bastante parecidos. Eles se relacionam com características como ser curto, forte, sonoro, carinhoso, pouco comum, bonito, inspirado em música e artista. Pode-se pensar que, de fato, parece não haver grandes mudanças na representação que as mulheres fazem sobre seus bebês, independentemente de recortes importantes, como idade e nível socioeconômico.

Outro dado que surgiu a partir da escolha do nome foi a respeito do tempo e da pressão social que recai sobre o casal para chegar à definição deste. Um estudo realizado apenas com homens para investigar o processo de se tornar pai revelou que metade dos participantes declarou que familiares e amigos exercem uma pressão psicológica muito grande perguntando sobre a escolha do nome, a forma como a família irá se organizar, o sexo do bebê, a data do nascimento (Tafuri et al., 2015). Algumas mães manifestaram-se sobre o tema:

Ao longo da gravidez a gente chamava ele de Epaminondas, porque vinha uma cobrança muito forte. As pessoas precisavam de um nome, sabe? A família, os

amigos: e aí, qual vai ser o nome? E a gente meio que assim: Epaminondas, pra galera parar de encher o saco e todo mundo chamava carinhosamente de hippie ou feto que habitava a minha barriga. Mas depois que ele virou um bebê, depois que ele nasceu, desde sempre ele foi [nome], desde que ele nasceu. (M7)

(...) a moça fazendo a ultra falou: é do tamanho de uma uva. A gente, eu e o [parceiro], ficou durante toda a gravidez chamando a [bebê] de uvinha, não conseguia pensar no nome. As pessoas me perguntavam qual era o nome e eu ficava angustiada porque ainda não tinha o nome e a gente chamando de uvinha. E em um momento a gente olhou assim: ela é a nossa uvinha há sete, oito meses, e aí virou [nome], que a gente chama de uvinha até hoje. (M10)

Todas as mulheres falaram da questão do tempo. Uma mulher relatou que a escolha do nome foi rápida e fácil, porém atentou que isso foi motivo de espanto para uma amiga, como evento fora do comum. Outra também descreveu uma situação tranquila, em que propôs três opções e o parceiro escolheu uma. No entanto, a grande maioria definiu o processo usando palavras como “difícil, complicado, demorado” e disse que o nome só foi definido mais ao final da gestação. Inclusive, duas marcaram que a escolha do nome foi motivo de desentendimento com o parceiro.

Ah, foi bem complicado, porque o meu marido não gosta de quase nome nenhum e ele gosta de uns nomes muito estranhos [da mitologia] e todo nome estranho que ele gostava eu falava: gente, de onde ele tirou isso?! Então, foi muito difícil a escolha e precisou a mãe dele ajudar a convencer ele, porque ele não gostava de nome nenhum. Um mês antes de nascer mais ou menos, ele falou: a gente vai mudar de nome. Eu falei: não, já mandou fazer tudo com o nome, não vai mudar de nome. (...) Passando por trezentos e um mil nomes, a família dele falou: ah, esse nome é bonito, vai, vai, vai! Aí a mãe dele, as primas dele insistindo, ele acabou cedendo, entendeu? Mas, assim, não amando o nome. (M8)

No caso acima, é interessante notar que as mulheres da família do parceiro, mãe e primas, intervieram no sentido de a decisão final ser tomada. O nome escolhido foi de origem europeia, ascendência das famílias do casal, e a avó dele sugeriu que se tirasse uma letra repetida, porque, segundo ela, nomes de cidade é que possuem a repetição de uma letra, enquanto nomes de pessoas não. Esse pedido foi acatado pela entrevistada. Embora possa ser fonte de discordâncias, a literatura aponta que a escolha do nome costuma favorecer o casal na criação de um lugar psíquico para o bebê, pois imaginar suas características possibilita que ele se torne mais real e familiar no

psiquismo dos pais (Matos et al., 2017). Além disso, favorece a vinculação precoce dos pais com o filho e a formação da parceria parental.

(...) tinha acabado de descobrir que tava grávida e foi muito por acaso assim. Tipo na verdade eu não sabia ainda se seria um menino, se seria uma menina, mas a gente já, ainda meio inseguro com essa gravidez, ainda cogitando abortar, eu, assim, ainda não tínhamos decidido se íamos ter o filho, mas a gente na hora levava tudo com um pouco mais de leveza, aí pensava em nome, pensava em como que seria o elo, enfim. (M7)

A escolha do nome dialoga também com a herança simbólica que a criança recebe e que irá situá-la em determinado lugar naquela família. Sob esse ponto de vista, nomear é oferecer importante contorno identitário. Iaconelli (2019) coloca que dar nome e sobrenome é colocar o indivíduo dentro de uma filiação, nesse lugar de filho que o precede. Sendo biológico ou adotado, o indivíduo ganha uma rede de filiações que o precedem e o recebem. A partir dessa rede ele terá direitos, deveres: saberá da sua herança, com quem poderá casar e ter filhos, qual é o seu lugar no jogo social.

Apenas uma participante afirmou que escolheu o nome de seu bebê como forma de seguir uma tradição familiar, o nome do bebê ser a junção de sílabas dos nomes dos pais. Porém, pode-se considerar que outras duas seguiram de alguma forma tradições das famílias de origem do casal: uma por colocar nome típico de uma religião praticada e a outra por colocar nome pertencente à ascendência que ela e o parceiro compartilham. Mesmo assim, somente as duas primeiras afirmaram essa relação com o tradicional.

A maioria das entrevistadas expressou que queria nomes diferentes, fora de moda, fora do comum. Quando perguntadas se o nome era devido à tradição familiar, religiosa ou homenagem a alguém, diziam que não. Uma mulher relatou que o marido era o filho primogênito, carregava o nome do pai, e tinham combinado de não colocar nenhum nome dos familiares na filha. Então, o marido sugeriu a versão feminina do nome do sogro, mas achou que sua mulher não aceitaria por conta do acordo. A entrevistada falou que não percebeu na hora, mas achou lindo, porque “era familiar”. Foi o único caso de nome sugerido pelo pai que se tornou o nome da criança, mesmo



assim, tratava-se da versão feminina do nome do avô materno. Os outros escolhidos foram todos propostos pelas mães.

Olha, [a escolha] foi complicada! (risos) Porque o meu nome são o nome dos meus pais e o do meu irmão também [a junção de sílabas dos nomes dos pais]. Então, desde pequena eu acho essa história o máximo, sempre quis fazer algo semelhante com o meu filho. [Marido] começou a chutar assim uns nomes nada a ver, como se tivesse fazendo uma compra de mercado e lembrasse alguma coisa que tá faltando e aí puxasse o nome?! Eu falei: não, tem que ser alguma coisa que represente a gente. E a gente ficou a gravidez inteira brigando, continuou brigando, o neném nasceu. Aí só no dia que ele nasceu mesmo. Ele não queria uma personalização pro nome e eu acho que o nome é uma coisa muito importante, então ele acabou cedendo, ele falou assim: ah, tá bom então, então eu escolho o sobrenome e você escolhe o nome, vamos ficar assim. (M4)

Como ressaltado por Bacal et al. (2014), o processo de transmissão na família é primordial para a construção da identidade do indivíduo. As autoras colocam que a repetição de nomes muitas vezes está ligada a lealdades familiares invisíveis e que os nomes e sobrenomes conferem, ao mesmo tempo, identificação e diferenciação. Portanto, o nome traduz-se na seguinte contradição identitária: evoca o pertencimento à família e também o reconhecimento da individualidade.

A maior parte das entrevistadas conferiu bastante ênfase ao discurso de busca por uma nomeação não relacionada a tradições, evidenciando a tensão existente entre o tradicional e o novo. No entanto, percebe-se nas falas alguns indícios de lealdades familiares invisíveis e outras “coincidências”.

(...) Aí eu lembro que a gente foi fazer o chá revelação. Eu falei assim, faltava uma semana, sei lá: [parceiro], a gente precisa de um nome, porque junto com [nome de menina] vai ser o quê? Um ponto de interrogação? Não, tem que ter o nome dos dois. Aí a minha irmã [falecida] quando ela...ela, ela era lésbica. Só que ela queria adotar um bebê e ela queria botar o nome de [nome de menino]. Aí eu falei pro [parceiro]: Quero [nome de menino]. Aí ele falou assim: Não, não gosto. Ai eu falei: Eu gosto de [nome parecido]. Ele falou: é, mas é muito comum. Aí eu falei assim: se você não descobrir hoje o nome dele, não achar um nome que eu goste também, amanhã o nome dele vai ser [nome parecido]. Aí ele bebeu com os amigos. Os amigos desenvolveram o nome e saiu [nome parecido com o anterior]. Aí eu gostei, que eu já tive até um amigo que chamava assim e ficou. (M2)

Duas mulheres disseram que após nomearem os bebês, descobriram que havia parentes na família com o mesmo nome, mas desconheciam anteriormente este fato. Nestas situações, as lealdades invisíveis são mais nítidas e fáceis de rastrear. Já em outras, as entrevistadas encararam uma possível transmissão psíquica mais inconsciente como “coincidências” curiosas, conforme evidenciado pelas duas falas seguintes.

E não tem esse nome na minha família. Mas uma coisa curiosa, não sei se é legal pra você saber disso, se é meio sequela, mas o que é muito curioso é que, em algumas gerações da família da minha mãe, que tipo, todas as primas da geração da minha mãe assim são com a letra A, aí as filhas dessas primas foram todas com F, tipo a minha mãe, a minha mãe é A , a minha tia é A\_\_, a outra é A , a minha prima é A , A enfim, todo mundo com A e aí eles tiveram filhos com F, eu, F , aí tem a F , tem a F , tem, ah, acho que é isso. Na verdade era mais as mulheres, né? E aí agora a geração seguinte já tem A , A e o meu filho, A . Mas assim, totalmente eu acho que é por acaso, né? Eu não sei se alguém tá combinando aí de botar A e F, mas eu não combinei nada não (risos). Muito engraçado. (M7)

E depois eu percebi que o apelido x é o apelido que era da minha babá! Foi uma coisa que eu percebi depois, eu falei: gente, eu tenho uma memória afetiva de x, era o apelido da minha babá que não chamava x, chamava outro nome, y, que não tem nada a ver. Mas o apelido dela era esse. E aí também me deu uma coisa que eu gostei, deu uma cola o nome. (M3)

Nos casos expostos, enquanto uma entrevistada não quis romper com a tradição da família, viu-se que as outras não quiseram repetir o nome de nenhum ascendente ou afirmar uma conexão com alguma tradição das famílias, trazendo um “novo”, não esperado. Quando o bebê é nomeado, transmite-se algo em nível inconsciente que fará parte e habitará o psiquismo do sujeito, de forma que o seu processo de construção identitária será sempre influenciado pela carga depositada pelos ancestrais (Rodrigues, 2016). Sabe-se que a escolha do nome está ligada à dinâmica dos pais com as suas famílias de origem. Assim, pode-se pensar que, a partir da nomeação de seus bebês, os casais estão pendendo mais para a aproximação da família ou mais para a diferenciação, considerando que esses processos não são totalmente excludentes.

### ***Referências de cuidado***

A presente subcategoria refere-se à observação de quais são as referências de cuidado escolhidas pelas mulheres e como elas se apropriam dessas inspirações para constituírem sua maneira singular de ser mãe. As entrevistadas apontaram primordialmente outras mulheres como referências. Quando perguntadas, algumas também citaram referências masculinas de cuidado. Espontaneamente, trouxeram o uso das redes sociais a fim de obter inspiração para o cuidado que exercem ao maternar. Indiretamente, também trouxeram especialistas em saúde perinatal. A maior parte das mulheres elegeu a própria mãe como principal referência de maternidade.

Referência?! Primeiro a minha mãe porque é a maternidade mais próxima, né? Que eu conheço, assim. Claro que pego só a parte boa, né? Porque a parte que eu penso que não funcionou eu deletei, deletei. Primeira pessoa que me vem à cabeça é a minha mãe mesmo. (M1)

A pessoa que eu me baseio é minha mãe, mas ainda assim ela é meio desesperada, então eu tento eu mesma me criar, entende? (M2)

Além da própria mãe, as entrevistadas apontaram como referência avós, tias, primas, amigas. Duas mulheres citaram ainda mães que acompanham na internet. Esse dado está em consonância com a literatura clássica sobre o tema, que ressalta que a mulher-mãe busca identificação em figuras femininas. Geralmente, são mulheres mais experientes, que já tiveram um ou mais filhos, e exercem para a recém-mãe funções de apoio, acompanhamento, instrução e valorização (Bydlowski, 2002; Stern, 1997; Winnicott, 1956/2000).

Muitas mulheres que elegeram a mãe como principal modelo de identificação para a maternidade fizeram a ressalva de que, por maior que seja a admiração, não desejam espelhar-se em todos os aspectos, marcando que existem divergências, não se trata de repetir tudo. Ao longo da vida, as experiências culturais, que precedem a mulher, do que é uma mãe e um bebê, vão unindo-se à vivência da mulher enquanto bebê, dos bebês com que ela teve contato e da necessidade de construir sua própria identidade materna frente a esses marcos identificatórios, conscientes e inconscientes. Isso porque é impossível ao sujeito prescindir de marcos identificatórios que o orientem, seja para os manter, negociar ou descartar (Iaconelli, 2015).

Nesse mesmo sentido, Kaës (1997) coloca que a história da formação do “Eu” é, ao mesmo tempo, a do assujeitamento a um lugar prescrito e a das separações que se precisa experimentar e sustentar em relação a ele, visto ser impossível não herdar um legado. Em outros termos, poder-se-ia pensar que a história da mulher enquanto mãe consiste em lidar com seu arcabouço consciente e inconsciente de referências, bem como buscar se posicionar diante do que recebe e do que escolhe receber.

Muitos autores (Bydlowski, 2002; Moro, 2005; Stern, 1997; Winnicott, 1987/2020) destacam o trabalho psíquico de lidar com essas heranças que emergem na transição para a maternidade, materializada pela experiência da gestação e dos primeiros meses de vida da criança. Stern (1997) cria o conceito de constelação da maternidade para expressar tal vivência, sendo a constelação a grande organizadora psíquica, que determinará novas ações, sensibilidades, fantasias, medos e desejos. Apesar de ser temporária, pode durar meses ou anos e será por esse período o eixo organizador dominante da vida psíquica da mulher, colocando em segundo plano eixos como o Complexo de Édipo. O mesmo autor entende que um dos pontos centrais da constelação da maternidade é a experiência da mulher com a própria mãe.

(...) eu voltei muito atrás, assim me questionei muito, muita coisa assim da minha infância e da gestação da minha mãe principalmente. Eu fiquei: cara, nunca perguntei pra ela nada, sabe? Quando você começa a vivenciar aquilo você começa a se questionar: ah, eu nasci com quantas semanas? E essas coisas da gravidez, quais coisas ela sentiu, quais ela não sentiu. E na minha infância mesmo também, acho que na mesma ideia assim, eu não tenho muita memória, mas me traz muita curiosidade: caraca, como eu era nessa idade? O que que eu...eu era parecida com ele, não era? O que que eu já fazia, o que que eu não fazia? É...é, se eu... deu problema pra mamar no peito, se não deu? Se eu chupeí chupeta ou não? Essas coisas. (M7)

(...) eu percebo que eu peguei muito esses cuidados da minha mãe comigo, quando era pequena, com ele, sabe? Tipo de música, de fazer barulho do útero pra botar pra dormir e tudo o mais. Eu acho que eu peguei muito disso sem ver ela fazendo com ele, foi meu mesmo, acho que já foi uma coisa que eu vivi e eu trouxe agora com ele, de tudo, assim. Eu considero a minha mãe uma mãe muito mais protetora que eu, mas eu percebo que tem muita coisa dela em mim que não foi vendo ela com ele, mas vendo ela comigo e quanto que eu me sentia bem com ela fazendo isso comigo e eu tento fazer com ele, sabe? (M2)

As narrativas de M7 e M2 corroboram o que Stern (1997) identificou como a trilogia de discursos presente na constelação da maternidade: o discurso da mãe com a sua própria mãe, o discurso da mulher consigo mesma enquanto mãe, e o discurso da mulher com o seu bebê. Nesse mesmo sentido, são os conteúdos dessa relação muito primitiva que virão à tona na transparência psíquica. Um ponto interessante é o silêncio das gestantes acerca do bebê quando são atendidas por profissionais, o que socialmente não seria o esperado, mas Bydlowski (2002) constata que, se é dada livre expressão a elas, pouco ou nada falam deste pequeno que está por vir. Guardam para si esse bebê imaginário e falam do bebê que elas foram um dia. M4, recém-parida, expressa sua percepção sobre a mãe.

(...) ele [bebê] tava na UTI e eu acabei...conversando muita coisa com a psicóloga e a minha prima tava junto, ouvia e falou: é, realmente, tudo que ela tá falando eu tenho a mesma percepção, a minha madrinha nunca foi próxima, ela sempre fez as coisas no automático. E eu tô de novo falando da minha mãe. Eu acho que é a grande questão da minha vida é minha mãe, que eu não paro de falar nela, né?! (M4)

As bases desse processo são o emergir de conteúdos inconscientes do passado da mulher (inclusive fantasias regressivas), que irão influenciar nas suas interações comportamentais e fantasmáticas com o bebê (Da Costa, 2006), ao mesmo tempo em que há o silenciamento sobre ele. M9 e M10 trazem como essas lembranças foram importantes no sentido de distinguir a maternidade da mãe da exercida por elas.

(...) durante a gestação, eu ficava muito, dando uma comparada assim, como é que foi a gestação da minha mãe com a minha. E eu ficava muito nessa coisa da experiência da minha mãe pra minha. Mas nesses primeiros dias eu acho que o meu foco era mais sobreviver mesmo, eu entrei num modo sobrevivência...eu acho que a sensação era de tentar meio que superar, de tentar fazer diferente, de não ser igual. E agora falando isso pra você lembrei da minha mãe falando isso com relação à minha avó (risos)! (M9)

(...) a minha mãe não é muito habilidosa com bebês e pra ajudar, enfim foram várias questões da maternidade ali relacionadas ao relacionamento com a minha mãe. (...) depois que a minha mãe vinha aqui em casa e aí a gente conversava, às vezes dava umas discutidas, vinham algumas lembranças ali de coisas um pouco mal resolvidas da infância, principalmente quando a minha mãe vinha. (...) em alguns momentos vinham algumas lembranças, algumas coisas até um pouco

angustiantes relacionadas às dificuldades na relação com a minha mãe. Em outros momentos vinha uma certa surpresa de: peraí, eu consigo dar conta disso, não é tão impossível assim e vinha um sentimento de estranhamento porque eu realmente — talvez pela reação que a minha mãe fez as coisas parecerem que pra ela foi muito difícil — eu esperava que a maternidade fosse ser uma experiência muito difícil. E aí me vem essas lembranças da ideia da maternidade como uma coisa que faz você se sacrificar e que é meio pesada e que é difícil e cansativa e eu ficava: não, peraí, não é tanto assim, sabe? (M10)

A transparência psíquica é caracterizada por um modo de funcionamento especial, em que conteúdos pré-conscientes e inconscientes recalcados emergem espontaneamente a fim de que essas vivências arcaicas da maternagem que a mãe recebeu, enquanto bebê por parte de sua mãe, possam ser reatualizadas ao longo da gestação e do pós-parto, para possibilitarem a construção de uma nova maneira de maternar. Esse processo de transformação é esperado e saudável, com potencial de elaboração de conflitos e melhor organização da experiência de maternidade (Bydlowski, 2002). Nesse sentido, foi observado que as mulheres que mais se emocionaram durante a entrevista apontaram ter as relações mais conflituosas com suas mães.

Ainda acerca de referências de maternidade, agora de forma mais ampla, no relato de M5 nota-se como ela se remete às suas origens nordestinas, tendo mudado de Estado para casar.

(...) eu tenho esse exemplo de maternidade assim de mulher forte, sabe? E eu acho também o povo nordestino é muito guerreiro, então assim em nenhum momento eu olhei pro [bebê] e vi medo. Não, eu só senti amor, sabe? Tudo ia dar certo. [Bebê] tá com seis meses e eu falo tranquila: eu quero ter outro filho. (M5)

A transparência cultural (Moro, 2005) é derivada da psíquica. Ocorre que as mães e os pais estão mais vulneráveis nesse momento por conta da revivescência dos conflitos infantis, especialmente os edípicos. Durante essa espécie de janela de oportunidade, o inconsciente aflora e se expressa de maneira mais evidente. Moro (2005) aponta que o exílio apenas potencializa a transparência psíquica dos pais. Embora não tenha vivido essa situação extrema do exílio, M5 vivencia a transparência cultural, em que se dá o mesmo processo da transmissão psíquica, só que com relação

às representações culturais, aos saberes, os dizeres e os fazeres próprios de cada cultura. Esses elementos tornam-se caros e vivos.

As entrevistadas trouxeram muitas narrativas relacionadas às figuras femininas. Em que pese a gradual mudança que se testemunha no investimento dos homens na paternidade, a pergunta sobre referências masculinas de cuidado foi recebida com surpresa, reflexão e estranhamento por parte das mulheres.

Tenho um casal de amigas, são duas mulheres, não tenho ainda amigos que têm filhos, casal gay, eu não tenho. Então, eu tentei buscar, mas não tenho referência, ainda. Eu penso que a gente vai evoluindo, as famílias tão mudando, né? Tem muito pai incrível aí que substituiu a mãe, mesmo com a mãe presente, o pai é que é o responsável. Tem, com certeza, mas ainda não conheço, não tenho referência mesmo. (M1)

Olha, em relação a bebês e crianças pequenas, eu não tenho não, infelizmente. Já ouvi muito de outras pessoas que os maridos da fulana ou da beltrana são ótimos pais, que fazem de tudo, que dividem as tarefas integralmente com as mães, mas eu não conheci nenhum assim. Nem meu marido é. Ele acha que faz muito, mas não faz. Você quer saber se algum homem me inspira e acho que não. (M4)

A metade disse que não possui referência masculina de cuidado e a outra metade citou alguns homens mais próximos e outros de fora do contexto familiar, como um psicólogo perinatal, o pediatra do filho, o pai de uma amiga de infância. Apenas uma mulher citou o seu parceiro e outra elencou o tio-avô.

Caramba, que legal essa pergunta! É...tenho, mas não é comigo, né? Pode ser com outra pessoa? O pai de uma amiga minha que eu acho assim muito curioso, porque é oposto do meu pai, por exemplo. E sempre me fez pensar muito porque eu falo muito com essa amiga: o seu pai é um ponto fora da curva. Ela é muito próxima do pai dela, conta tudo pra ele. É uma relação muito que eu tenho com a minha mãe é a relação que ela tem com o pai dela, sabe? (M6)

Um homem que me inspira a ser mãe? [Suspira, pensativa] Cara, acho que o [parceiro] me inspira a ser mãe total assim. Acho que a gente vai se utilizando do outro como gangorra mesmo, sabe? Quando eu vejo ele sendo um bom pai, eu

sinto que preciso fazer jus e acho que vice-versa. Acho que a gente se impulsiona a melhorar, sabe? (M7)

Os relatos deste estudo sobre a predominância de inspirações femininas está em conformidade com a literatura a respeito do tema, a qual informa que as mulheres buscam modelos identificatórios em outras, geralmente próximas (Bydlowski, 2002; Dadoorian, 2000; Stern, 1997; Winnicott, 1987/2020). Apesar de metade das mulheres ter expressado alguma referência masculina, nota-se que eram figuras mais distantes do convívio das mesmas. Já quanto à participação no cuidado com o bebê e no apoio oferecido, as mulheres foram unânimes ao expressar a importância dos parceiros na gestação, no parto e no pós-parto.

(...) embora ele não tivesse parido, eu senti que aquela semana que ele passou lá do meu lado no hospital foi como se ele tivesse sim parido junto comigo, porque ele teve que passar pelas mesmas coisas que eu, que era estar todo dia ali naquele ambiente, levando, trazendo o bebê, examinando, na expectativa: sai amanhã, sai hoje? Depois que a gente veio pra casa, não muito, não muito. Ele passou...ele voltou a trabalhar, né? E eu fiquei sozinha com o neném, então momentos de muito estresse, muita gritaria, porque ele não se envolvia muito. (M4)

Atualmente, nas grandes cidades, parece haver tendência de exercício mais ativo da paternidade. Assim como ocorre com a mulher, na transição para a paternidade o homem também vivencia mudanças identificatórias significativas ao reatualizar conflitos arcaicos (Matos et al., 2017). Segundo as autoras, é certo que os processos de transição para a parentalidade de homens e mulheres são diversos, tanto por questões biológicas quanto culturais. Tais diferenças podem fazer com que o homem sinta-se excluído da relação com o bebê ou perdido sobre as suas funções, em especial, nos primeiros meses.

Ele é a segurança da casa e da relação. Foi difícil amamentar, meu peito doeu muito e eu via a angústia que ele ficava, porque queria ajudar, mas não sabia como, né? Porque só quem amamenta é a mãe. (...) Falei: olha o contexto, olha em volta, vai e traz uma água pra mim, sabe? Vai ver o almoço, o que você vai almoçar, tem comida na casa, tem que ir no mercado, farmácia? Mas eu já falava assim irritada, sabe? Porque tipo me deixa aqui com a minha filha e vai ver a



casa, quase uma coisa animal mesmo: cuida do território que eu cuido dela aqui. E isso aos poucos vai se equilibrando depois. (M6)

Diversos psicanalistas (Dadoorian, 2000; Iaconelli, 2019; Stern, 1997; Winnicott, 1960/1983) defendem que, nos momentos iniciais da vida do filho, o papel do pai é exercer a função de continente, de sustentação, oferecendo apoio físico e emocional para que a recém-mãe possa exercer as funções de cuidado do bebê, em especial do lactente. Segundo Badinter (2011), tal visão representa grande retrocesso aos avanços provocados pelo movimento feminista no sentido de emancipação da mulher dos cuidados exclusivos com o lar e com os filhos e ainda libera os pais que não se sentem culpados pela ausência de envolvimento com o bebê.

Embora a leitura descontextualizada possa gerar equívocos, Winnicott (1987/2020) afirma que não idealiza a mãe e deixa de lado os pais; que é contrário a obrigar as mulheres a amamentar, pois já viu muitas sofrerem por algo que escapa ao controle consciente; e considera um dos mais importantes avanços da época o fato cada vez mais comum de o pai poder estar presente no parto. Quanto à função do pai de servir como apoio à mulher-mãe, o autor diz estar ciente de que algumas mulheres são deixadas sozinhas segurando o bebê, quando o homem não gosta da parte que lhe cabe e não é capaz de dividir a enorme responsabilidade que um filho deve representar.

No que tange à divisão das responsabilidades e do cuidado com os filhos, por exemplo, até ao falar que o parceiro “ajuda” no cuidado com eles ou ao dizer que não é uma ajuda, e sim a responsabilidade de pai, muitas mulheres apontaram as heranças machistas de seus parceiros. Nota-se que os homens ora buscam rompê-las, ora se beneficiam delas. Conforme os relatos das entrevistadas, observa-se que há desejo dos pais de estarem mais presentes em tarefas vistas anteriormente como pertencentes ao universo feminino, como dar banho, trocar fralda, alimentar, colocar para dormir. Todavia, as participantes relataram que muitas vezes precisam convocá-los a assumirem esse lugar. Entende-se que se vive um momento de transição em que o modelo de pai provedor do lar e pouco envolvido afetivamente coexiste com um mais igualitário entre homens e mulheres no âmbito público e privado.

Acerca de referências que desafiam as barreiras entre vida pública e privada, um dado trazido espontaneamente por todas as entrevistadas foi o uso das redes sociais,

seja para buscar referências de maternidade seja para apoio e trocas em grupos virtuais. Esse fenômeno é interessante, pois são mulheres desconhecidas, famosas nas redes, que se tornam familiares.

(...) pode até parecer meio fútil, mas eu sigo bastante instagrans assim de mães, de maternidade. Isso logo desde o começo eu comecei a seguir pra me inteirar mais do assunto e tal, fui adquirindo mais experiências. Mas, assim, não é "aquela" pessoa que me inspira, entendeu? (M8)

Pode-se pensar que, a partir do momento em que o número de filhos vem diminuindo e o projeto de maternidade vem sendo adiado (Badinter, 2010/2011; Bernardi et al, 2018), as mulheres não encontram tantas referências próximas em suas famílias e círculos sociais, bem como não crescem tendo tanto contato com bebês. Ao se verem mães, essas circunstâncias comuns na classe média urbana podem favorecer a busca por referências em perfis de redes sociais. Além disso, há também o potencial de informações disponíveis na internet sobre o ciclo gravídico puerperal.

Contudo, vale ressaltar que todas as entrevistadas trouxeram um caráter crítico quanto à comparação de suas experiências de cuidado com o conteúdo que seguem nas redes.

(...) tem gente que romantiza muito, chega e fala: ah, meu filho é maravilhoso, meu filho é quase uma planta camomila. Cara, não é tão maravilhoso assim, não é uma planta camomila, ele causa um horror, tá quebrando tudo, tá fazendo a louca, eu não aguento mais, tô de cabelo em pé. Vou no instagram, aí vejo uma mãe falando que esse filho é maravilhoso, uma florzinha. Eu fico assim: cara, meu filho tem algum problema, não é possível, porque o filho de todo mundo é maravilhoso, meu filho tá de cabeça pra baixo pondo a cabeça no cachorro! E também eu vejo ainda tem aquelas mães que postam a maternidade real e tudo o mais, elas têm tendência a postar muito o lado negativo, sabe?" (M2)

(...) é muito injusto a gente julgar e comparar o palco dos outros com o nosso *backstage* assim. Entendeu? Cara, a pessoa posta a coisa mais linda, o vídeo da criança comendo o que dá certo, a criança engatinhando linda e feliz. Ai, olha, oito da manhã, [o bebê] acabou de acordar [voz irônica]. Você entra numa de comparar os bebês e eu falei: cara, eu vou parar com isso, porque eu tô começando a exigir demais da minha filha por uma coisa que assim, o filho de uma mulher que eu nem conheço fez ou não fez alguma coisa, sabe? (M9)

Nota-se que as mulheres adotam uma postura crítica diante dos discursos desses perfis, polarizados pelas alcunhas de maternidade romântica ou idealizada versus a maternidade real. Para Stern (1997), a terapia seria um meio de oferecer às recém-mães múltiplas possibilidades de maternagem, a partir de outras possibilidades de mães que elas podem vir a ser realisticamente assim como podem deixar de ser ou evitar se tornarem. Isso aconteceria através da transferência com a figura do analista, que assumiria a forma da transferência com a boa avó. Embora bastante diversa de uma relação terapêutica, sugere-se pensar que o contato virtual com outras formas de ser mãe, com a multiplicidade de discursos, pode inspirar rumo ao mesmo objetivo.

Nesse sentido, Arteiro (2017) discute as relações no mundo cibernético com os modos de subjetivação na contemporaneidade, em especial, no que tange à construção da maternidade. A autora defende que se pode traçar relação entre o uso de recursos virtuais de comunicação para relatar as experiências enquanto mãe com o conceito de espaço potencial, de Winnicott. Ao escrever sobre sua vivência interna, a mãe atinge a qualidade da experiência do espaço potencial, que é poder colocar algo de si no mundo, o que tende a provocar sensação de pertencimento e reconhecimento.

Na presente pesquisa, entende-se que a participação em grupos virtuais de mães ou que surgiram presencialmente, a partir de atividades para gestantes e puérperas, e foram para o formato virtual, possuem função terapêutica, constituindo-se como uma rede de apoio significativa para as recém-mães na atualidade. Quase todas as entrevistadas afirmaram participar desses grupos.

Tinha muitas referências de grupo de mães, tava numa roda de doulas na gestação e depois já na continuidade elas te mandam pra um grupo com uma porrada de mulher, de mãe recente. Eu acho que eu tive muitos pares, muitas pessoas que tavam vivendo a mesma coisa que eu, né? As pessoas que fizeram yoga na gestação comigo também formou um grupo, então a gente tava se acompanhando ali, nas primeiras coisas do neném, ficou mantendo muito contato. (M3)

Não tinha tanta informação na internet, as pessoas nem procuravam as coisas na internet, né? Entro em alguns grupos do Facebook e troco informações sobre amamentação, introdução alimentar, criação com apego, dados atualizados. Enfim, quero fortalecer ainda mais esse vínculo com ele, aí procuro muitas informações na internet. É difícil, não é uma receita de bolo. (M4)

Nota-se que essas trocas têm lugar importante na construção da maternidade. Alguns contatos através dessas redes podem iniciar até amizades, na medida em que pela internet criam-se ambientes de encontros coletivos. Assim, pode-se interagir com muitos através de afinidades com potencial de transformar interações passageiras em relacionamentos (Frid, 2011).

Por fim, a partir das narrativas, nota-se que as mulheres citaram indiretamente profissionais da área de saúde perinatal como referência de cuidado, a exemplo de obstetras, pediatras, enfermeiras e doulas. A atuação deles no parto e pós-parto foi apontada como apoio, em parte das falas, principalmente no sentido de tranquilizar sobre o desenvolvimento saudável do bebê e de ajudar na amamentação. Entretanto, algumas mulheres referiram queixas sobre o atendimento dispensado a elas, sobretudo no pós-parto.

Quando a pediatra colocou a [bebê] no meu colo, eu queria amamentá-la, mas não deu certo, ela não me ajudou. Eu nunca amamentei um bebê nem [marido], a gente ficou eu, ele e a bebê, não sabíamos o que fazer. Isso eu senti falta. Achei que foi até um erro da equipe. (M1)

E eu lembro que a médica pediu pra eu já amamentar, já botar ela no peito, só que eu tive uma laceração. E aí isso a pediatra veio e falou: Ah, vamos amamentar. Eu falei: Ai, espera um pouquinho? (Risos). Eu pedi. E eu nunca imaginei que fosse pedir esse tempinho assim, mas foi uma coisa meio: cara, espera um tempinho, porque ele tá mexendo, ele tá costurando, eu nunca levei um ponto na vida, sabe? Foi meu primeiro ponto! E caraca eu tô levando um ponto você quer que eu amamente?! (M9)

Apesar de ter tido suas ideias vulgarizadas e distorcidas para o público leigo e mesmo dentro de círculos psicanalíticos, Winnicott (1987/2020) em diversos momentos aponta que os profissionais devem apoiar a confiança da recém-mãe no exercício desse novo papel, a partir de um cuidado sensível. Ocorre que há linha tênue entre proporcionar segurança para mãe-bebê e impor protocolos médicos. Iaconelli (2015) expressa que as questões de violência contra a mulher no período perinatal são pouco faladas em estudos psicanalíticos, em franca desproporção com a quantidade de casos e as repercussões eventualmente traumáticas. Vale lembrar que esta pesquisa

aborda mulheres de classe média e, mesmo assim, identifica-se certo grau de descaso e falta de tato com a vivência da mulher.

Para Iaconelli (2015), muitas vezes o profissional identifica-se com o desamparo do bebê e busca zelar pelo bem-estar dele, em detrimento do de sua mãe. A autora entende que esse modo de agir pode na prática estar relegando às mulheres o lugar de corpos que produzem bebês. Em consonância com essa problemática, Frid (2011) atenta para o cuidado que os especialistas devem ter ao exercer a assistência materno-infantil de modo a não ficarem presos em um discurso único acerca do que é uma figura materna, pois isso gera sofrimento ao abandonar mães que não condizem com o modelo instituído.

### **Considerações finais**

A busca por referências de maternidade é um processo esperado e saudável, especialmente quando se trata da primeira gestação, que inaugura a crise maturacional da passagem de filha para mãe. Considerando as transformações sociais significativas que ocorreram nas últimas décadas, como a maior participação da mulher no mercado de trabalho e o crescente investimento do homem no exercício da paternidade, buscou-se investigar se as referências da mulher-mãe contemporânea seguem as descritas pela literatura acerca do tema.

Assim, a escolha do nome do bebê foi trazida por significar uma das primeiras decisões que o casal parental toma em relação ao filho. Tal nomeação é carregada de significados simbólicos, conscientes e inconscientes, na medida em que dar nome e sobrenome situa a criança em determinada família, em uma rede de filiações que a precedem e determinam sua herança, seus direitos e interditos, assim como seu lugar no jogo social.

Grande parte das mulheres relatou que essa decisão levou muito tempo, tendo sido pauta de negociações ao longo de boa parte da gestação. Entende-se que tal fato corrobora o alto grau de investimento implicado no ato de nomear. Assim como aponta a literatura, viu-se que tal ato tende a favorecer que o casal forme a parceria parental e crie um lugar psíquico para o bebê, tornando-o mais real e familiar. Observou-se também a existência de tensão entre seguir alguma tradição das famílias e escolher um nome que não possua essa ligação direta. Assim, entende-se que o nome traduz a

seguinte contradição identitária: evoca o pertencimento à família e o reconhecimento da individualidade. Neste estudo, a maioria das entrevistadas expressou ter escolhido um nome que não guardasse relação com tradições e homenagens familiares.

Acerca das referências de cuidado, as mulheres apontaram primeiramente referências femininas, sobretudo a própria mãe, dado que está em consonância com estudos consagrados, como os de Winnicott (1956/2000), Stern (1997) e Bydlowski (2002). Quando provocadas a responder sobre referências masculinas de cuidado, metade expressou possuir. No entanto, percebeu-se que eram homens de fora do convívio mais íntimo, como profissionais de saúde e pais de amigas, à exceção de uma mulher que citou o próprio parceiro. Esse dado também é apoiado pela mesma literatura, que afirma que as mulheres elegem primordialmente outras mulheres como inspirações, em especial, as que já são mães.

Entretanto, ao serem perguntadas sobre a participação do parceiro, foram unânimes em expressar a relevância da presença dos homens no apoio emocional durante a gestação e no pós-parto. Muitas afirmaram que a divisão de cuidados do bebê era igualitária entre o casal, já outras afirmaram que precisavam dar as diretrizes e, por vezes, convocar o parceiro a realizar a tarefa. Embora a literatura defenda que a principal função do pai é servir de apoio à mãe nos primeiros momentos, entende-se que neste aspecto está em curso uma transição, conforme os homens estão desejando exercer uma paternidade mais ativa, ao realizar tarefas antes tidas como femininas.

Ainda sobre as referências, todas as mulheres usam as redes sociais seguindo perfis relacionados à maternidade e participando de grupos. Pode-se pensar que essa realidade ganha considerável função de rede de apoio na classe média urbana, que não necessariamente encontra pares em seu círculo social. Por fim, indiretamente, as entrevistadas citaram os profissionais de saúde envolvidos na assistência materno-infantil como referências de cuidado. A partir disso, busca-se refletir sobre a importância desses cuidadores atuarem de forma minimamente sensível às questões psicológicas que emergem na transição para a parentalidade.

Conclui-se que, mesmo frente a mudanças sociais significativas, em geral, a literatura clássica sobre o tema ainda pôde ser aplicada aos relatos das participantes deste estudo. Cabe ressaltar que se nota tendência de maior participação dos homens

no ciclo gravídico-puerperal, tanto no desejo de estar presente para a família quanto na execução das tarefas de cuidado com o filho. Assim, espera-se que eles possam ser mais eleitos como referenciais. No entanto, entende-se que seja provável que o modelo identificatório das mulheres continue sendo, sobretudo, a própria mãe, dentre outras figuras femininas. Viu-se que, a partir de resgates de conteúdos e lembranças as quais a experiência de gestar remete, o período gravídico-puerperal é propício para a resolução de conflitos entre mãe e filha. As participantes que mais se emocionaram ao concederem a entrevista foram as que apontaram maiores conflitos com as suas mães. Por fim, através da busca por referenciais internos e externos, a recém-mãe tem o potencial de elaborar seu jeito particular de exercer a maternidade, o que as entrevistadas mostraram fazer de forma implicada e crítica.

## Capítulo 4

### Conclusão

Ao longo deste trabalho procurou-se investigar os primórdios da construção da maternidade hoje, a partir da percepção de mulheres primíparas. Estudou-se de modo mais específico o que sustenta o desejo de ser mãe e as referências de maternidade para essas mulheres.

O desejo de ter filho remete à história de cada genitor com as suas famílias de origem (Dadoorian, 2016; Kaës, 1997; Zornig, 2010). Atualmente, diante da diminuição de referenciais simbólicos estáveis e das múltiplas possibilidades de subjetivação, a escolha pela maternidade e paternidade relaciona-se mais com a história individual dos sujeitos e com uma lógica do desejo do que com a manutenção do modelo de família nuclear tradicional (Zornig, 2010).

O processo de tornar-se mãe e tornar-se pai tem seu início muito antes da gravidez, a partir das primeiras identificações da mulher e do homem, passando pelas brincadeiras infantis e pelas fantasias da adolescência, até efetivamente acontecer a concepção. As brincadeiras de boneca bem como as experiências com bebês foram lembradas pelas mulheres. Nesse mesmo sentido, um dado bastante atual, ressaltado pelas mulheres nas falas, foi a referência aos animais de estimação como espécie de treino para a parentalidade (Bernardi et al., 2018; Giumelli & Santos, 2016).

Outro achado relevante foi acerca do momento ideal para ter filhos. Todas as entrevistadas afirmaram seu desejo por se tornarem mães e a questão do planejamento para tal empreitada. Diversos fatores foram levados em consideração para tanto, como o casamento, o trabalho e a situação econômica. Enquanto as duas mulheres mais jovens da pesquisa tiveram uma gestação não planejada, as mulheres mais velhas apontaram a idade como preocupação, por conta do simbolismo do relógio biológico. A mulher contemporânea parece viver certo dilema no que tange à hora mais propícia para exercer a maternidade, visto que projetos pessoais importantes, como a realização profissional, muitas vezes coincidem com a vida fértil. Mesmo com a possibilidade de



intervenções tecnológicas ou de adoção, a idade parece ser um fator que gera ansiedade e angústia nas mulheres que pretendem ser mães.

Frente a todas as repercussões advindas do nascimento de um bebê, em especial, o primeiro, tem-se que os afetos ambivalentes marcam a relação dos pais com o filho, mesmo quando este é desejado e planejado. Isto ocorre porque existe alta carga de expectativa depositada nele, inclusive de reparação da história dos seus genitores. O casal conjugal torna-se também casal parental e passa a ter os fantasmas edípicos reativados com a chegada do novo membro (Zornig, 2010).

A partir da gestação, os pais iniciam um trabalho imaginativo de importância vital para a interação e o cuidado com o bebê (Brazelton & Cramer, 1992; Lebovici, 1987). Evidencia-se que o vínculo entre pais-bebê é construído, não sendo inato ou instintivo, conforme propagado pelo mito do amor materno (Badinter, 2011). Embora o homem seja capaz de acessar conteúdos psíquicos semelhantes, muitos autores (Bydlowski, 2002; Stern, 1997; Winnicott, 1956/2000) versam sobre a reorganização subjetiva da mulher, ao carregar o bebê no corpo e no psiquismo.

Sabe-se que alguns conteúdos não elaborados emergem na vida psíquica da mulher na gestação e nos primeiros meses após o parto. Tais conteúdos muitas vezes denunciam conflitos ou lealdades inconscientes, que podem ser expressos no desejo de gravidez e na escolha do nome da criança (Dadoorian, 2016), por exemplo. Nesse período de intenso trabalho psíquico, a mulher busca referências para orientar o exercício da maternagem. Conforme a literatura aponta (Bydlowski, 2002; Dadoorian, 2000; Stern, 1997), há intenso diálogo com figuras maternas, sobretudo a própria mãe. Esse movimento, que pode ocorrer de fato ou na forma de sonhos e lembranças, carrega potencial de resolução de conflitos. As mulheres que mais se emocionaram concedendo a entrevista (através de choro, voz embargada) relataram ter relação difícil com as suas mães e reconheceram a ligação entre esses fatos.

Através da narrativa das mulheres, percebe-se que as referências femininas de maternidade são preponderantes, conforme ressaltado pela literatura. No entanto, houve unanimidade em reconhecer o apoio do parceiro no período da gestação, do parto e do pós-parto. Diante disso, aposta-se na tendência de maior participação dos pais no cuidado com os filhos (Matos et al., 2017; Tafuri et al., 2015). Desse modo, é possível

que as referências masculinas de cuidado sejam mais significativas nas próximas gerações.

Este trabalho possui como limitações sua pequena amostragem e seu recorte social. Conforme foi apontado pelo Censo do IBGE (2010), há diferenças significativas na fecundidade de mulheres de diferentes classes sociais e etnias. Ademais, no cenário contemporâneo, existem reconhecidamente mais configurações familiares, como as famílias monoparentais, adotivas, separadas, recasadas e homoafetivas. Assim, seria interessante a produção de novos estudos com o intuito de investigar as repercussões desses contextos diversos na problemática em tela. Além disso, há poucos estudos sobre a percepção dos homens acerca da construção da paternidade, uma lacuna que merece ser preenchida.

A construção da maternidade é um processo que acontece em diferentes tempos, de forma simultânea: o tempo cronológico, como se arbitrou socialmente, e o tempo do inconsciente, referente aos conteúdos que emergem a partir da experiência de se tornar mãe. É no fluxo desses tempos, o instituído e o das heranças psíquicas, que se tece a tarefa contínua e singular de nascer como mãe.

## Referências

- Aragão, R. O. (2008). Quem é esse bebê, tão próximo, tão distante? In L. M. Atem (Org.), *Cuidados no início da vida: clínica, instituição, pesquisa e metapsicologia* (1ª ed., pp. 179-188). Casa do Psicólogo.
- Ariès, P. (1978). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Arteiro, I. L. A. (2017). *A mulher e a maternidade: um exercício de reinvenção* (Tese Doutorado, Universidade Católica de Pernambuco).
- Bacal, M.; Magalhães, A., & Féres-Carneiro, T. (2014). Transmissão geracional da profissão na família: repetição e diferenciação. *Psico*, 45(4), 454-462. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.4.15344>
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno* (W. Dutra, Trad, 2ª Edição). Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1980).
- Badinter, E. (2011). *O conflito: a mulher e a mãe* (V. L. dos Reis, Trad., 1ª Edição). Record. (Trabalho original publicado em 2010)
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bernardi, D., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2018). Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. *Contextos Clínicos*, 11(2), 161-173. <https://doi.org/10.4013/ctc.2018.112.02>
- Bernardi, D., Mello, R., & Féres-Carneiro, T. (2019). Ambivalências frente ao projeto parental: vicissitudes da conjugalidade contemporânea. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 9-23.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1992). *As primeiras relações*. Martins Fontes.
- Budzyn, C., Wendland, J., & Levandowski, D. (2017). Representações de gestantes adolescentes do sul do Brasil sobre o bebê. *Revista de Psicologia da IMED*, 9(1), 69-86. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1627>
- Bydlowski, M. (2002). O olhar interior da mulher grávida: Transparência psíquica e representação do objeto interno. In L. Corrêa Filho, M. Corrêa Girade, & P. França

(Eds.), *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos: Saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê* (pp. 205-214). L.G.E.

- Da Costa, J. F. F. (2006). *Transparência psíquica: Experiência de transformação materna, uma perspectiva psicanalítica* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília).
- Dadoorian, D. (2000). *Pronta para voar, um novo olhar sobre a gravidez na adolescência*. Rocco.
- Dadoorian, D. (2016). O lugar dos pais no tratamento psicanalítico da criança e do adolescente. *Primórdios*, 4(4), 61-72.
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo, uma introdução (J. Salomão, Trad.). In J. Strachey (Ed.), *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (vol. XIV, pp. 77-108). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2020). A feminilidade (M. R. S. Moraes, Trad.). In G. Iannini (Ed.), *Amor, sexualidade, feminilidade: Obras incompletas de Sigmund Freud* (1ª ed., pp. 313-345). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2020). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (M. R. S. Moraes, Trad.). In G. Iannini (Ed.), *Amor, sexualidade, feminilidade: Obras incompletas de Sigmund Freud* (1ª ed., pp. 259-276). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2020). Sobre a sexualidade feminina (M. R. S. Moraes, Trad.). In G. Iannini (Ed.), *Amor, sexualidade, feminilidade: Obras incompletas de Sigmund Freud* (1ª ed., pp. 285-311). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1931)
- Frid, S. (2011). *Parto humanizado em tempo de maternidade naturalista: os ecos das práticas discursivas no modo de ser mulher-mãe* (Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).
- Giumelli, R.D., & Santos, M. C. P. (2016). Convivência com animais de estimação: Um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 49-58.
- Hintz, H. C., & Baginski, P. H. (2012). Vínculo conjugal e transição para a parentalidade: Fragilidades e possíveis superações. *Revista Brasileira de Terapia de Família*, 4(1), 10-22.

- Hintz, H., Dellazzana-Zanon, L. L., & Baginski, P. H. (2015). Transição da conjugalidade para a parentalidade: Implicações da chegada dos filhos para a relação conjugal. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos: O antes, o durante... e o depois* (Vol. 3, pp. 231-250). PoloBook.
- Iaconelli, V. (2015). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna*. São Paulo: Annablume.
- Iaconelli, V. (2019). *Criar filhos no século XXI*. São Paulo: Contexto.
- Iannini, G., & Tavares, P. H. (2020). Sobre amor, sexualidade, feminilidade. In G. Iannini (Ed.), *Amor, sexualidade, feminilidade: Obras incompletas de Sigmund Freud* (1ª ed., pp. 7-35). Autêntica.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo 2010: Nupcialidade, fecundidade e migração*. [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd\\_2010\\_nupcialidade\\_fecundidade\\_migracao\\_amostra.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/98/cd_2010_nupcialidade_fecundidade_migracao_amostra.pdf)
- Kaës, R. (1997). Sujeito do grupo, sujeito do inconsciente. In R. Kaës, *O grupo e o sujeito do grupo: Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo* (pp. 273-299). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kehl, M. R. (2020). Freud e as mulheres. In G. Iannini (Ed.), *Amor, sexualidade, feminilidade: Obras incompletas de Sigmund Freud* (1ª ed., pp. 353-368). Autêntica.
- Lebovicí, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1983)
- Magalhães, A.S., Féres-Carneiro, T., Machado, R.N., & Dantas, C. R. (2017). Modos de vinculação na família: A fratria em questão. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e família: Teoria, pesquisa e clínica* (pp. 97-114). Editora PUC-Rio; Prospectiva.
- Matos M. G., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017). Gestaçãopaterna: Uma experiência subjetiva. *Barbarói*, 49, 147-165. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.8513>
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2014). Tornar-se pais: Sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando Famílias*, 18(1), 78-91.

- Moro, M. R. (2005). Os ingredientes da parentalidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(2), 258-273. <https://doi.org/10.1590/1415-47142005002005>.
- Piccinini, C. A., Ferrari, A. G., Levandowski, D. C., Lopes, R. S., & Nardi, T. C. (2003). O bebê imaginário e as expectativas quanto ao futuro do filho em gestantes adolescentes e adultas. *Interações*, 8(16), 81-108.
- Ribeiro, F. S., Gabriel, M. R., Lopes, R. de C. S., & Vivian, A. G. (2017). Abrindo espaço para um segundo bebê: Impacto na constelação da maternidade. *Psicologia Clínica*, 29(2), 155-172.
- Rodrigues, L. A. B. (2016). *O nome como lugar atribuído, concedido e sentido: Um estudo de caso sobre o transgeracional* (Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Alfama, Portugal).
- Roudinesco, E. (2019). *Dicionário amoroso da psicanálise* (A. Telles, Trad., 1ª ed.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1944)
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Artes Médicas.
- Tarufi, M. I., Zavaroni, D. L., Varella, M. R. D., Rivas, M. C. C., Schauder, C., França, J., . . . Souza, L. P. (2015). Tornar-se pai: Uma inquietante estranheza familiar. In M. I. G. Conceição, M. I. Tafuri, & D. S. Chatelard (Orgs.), *Psicologia clínica e cultura contemporânea* (Vol. 2, pp. 62-72). Brasília: Thechnopolitik.
- Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno-infantil (I. Ortiz, Trad.). In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed. (Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária (D. Bogomoletz, Trad.). In D. W. Winnicott (Org.), *Da Pediatria à Psicanálise: Obras escolhidas* (pp. 399-405). Imago. (Trabalho original publicado em 1956)
- Winnicott, D. W. (2020). *Bebês e suas mães* (B. Longhi, Trad.). Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1987)
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470.

## Anexo I

### Ficha de Avaliação Biográfica

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos.

**Profissão:** \_\_\_\_\_.

**Religião:** \_\_\_\_\_.

**Escolaridade:**

Ensino Médio (2º grau) completo

Ensino Superior (Universidade) incompleto  completo

Curso: \_\_\_\_\_.

Especialização  Mestrado  Doutorado

**Informações sobre a família da participante:**

Cônjuge - Idade \_\_\_\_\_ anos. Profissão: \_\_\_\_\_.

Tempo de casamento: \_\_\_\_\_.

Sexo do bebê: \_\_\_\_\_.

Idade do(a) filho(a) (em anos e meses): \_\_\_\_\_.

**Tipo de configuração da família de origem da participante:**

Família casada  Família separada  Família recasada  Família monoparental

Irmãos:

F  M  idade \_\_\_\_\_

F  M  idade \_\_\_\_\_

F  M  idade \_\_\_\_\_

F  M  idade \_\_\_\_\_

F  M  idade \_\_\_\_\_

## **Anexo II**

### **Roteiro da entrevista**

- 1- Como foram os primeiros momentos com o seu filho/ a sua filha?
- 2- Você tem referências de maternidade que considera importantes? Tem referências masculinas de cuidado?
- 3- Como você se sentiu sendo cuidada na sua infância?
- 4- Você se percebe repetindo com o seu bebê algo da sua história?
- 5- Na sua família de origem, como é ser mãe e pai?
- 6- Quais são as semelhanças e as diferenças que você nota entre as gerações da sua família a respeito de como os seus avós, pais e você vivenciaram a criação dos filhos?
- 7- Você teve desejo de ser mãe?
- 8- Como foi a escolha do nome do seu bebê?
- 9- Quais foram os momentos em que você precisou de ajuda do seu cônjuge?
- 10- O que você gostaria e o que não gostaria de transmitir para o seu filho do que você recebeu?



## Anexo III

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



#### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

**Instituição:** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**Título da pesquisa:** Como nasce uma mãe? Desejo e inspirações de maternidade

**Pesquisadora:** Maria Fernanda Pinto de Moura

Email: fernanda\_mour@hotmail.com

Telefone: \_\_\_\_\_

**Orientadora:** Terezinha Féres-Carneiro

Email: teferca@puc-rio.br

Telefone: \_\_\_\_\_

Você está sendo convidada a participar desta pesquisa que tem como objetivo geral investigar o processo de construção da maternidade para mulheres casadas, mães de seu primeiro filho, cuja idade deverá ser de seis meses até um ano e meio. A justificativa desta pesquisa deve-se à importância dos primeiros anos de vida para a constituição psíquica do bebê e a de sua mãe enquanto tal, o que inclui a pré-história do bebê e a história da mulher-mãe com a sua família de origem.

A pesquisa será realizada virtualmente (*on-line*) a partir de uma entrevista individual, gravada e, posteriormente, transcrita. A plataforma virtual, a data, a hora e o tempo de duração da entrevista estão sujeitos à disponibilidade e conveniência da participante. Todos os dados de identificação permanecerão sob a responsabilidade da pesquisadora, sendo utilizados apenas com finalidade científica. Todas as informações têm caráter confidencial, mantendo-se em sigilo a sua identidade. Seu nome e o de todos os indivíduos mencionados na entrevista serão substituídos por outros, fictícios. Após o término desta investigação, as gravações das entrevistas serão apagadas. O material transcrito ficará armazenado em local seguro e sigiloso, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da pesquisadora.

Sua participação é voluntária e você estará livre para fazer as perguntas que julgar necessárias; interromper a entrevista quando assim desejar; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que possam causar qualquer tipo de constrangimento.

Caso você se recuse a participar ou decida interromper a sua participação, você não sofrerá qualquer penalização ou constrangimento por essa decisão e não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora e com a instituição.

Considera-se que nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua saúde e dignidade. Contudo, caso haja algum desconforto psicológico, como se sentir mobilizada durante a entrevista, a pesquisadora estará preparada para o manejo da situação e, se for o caso, para interromper o procedimento. E caso sinta necessidade, a pesquisadora poderá sugerir o encaminhamento para atendimento psicológico.

Aparentemente você não terá nenhum benefício direto, não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa e não receberá nenhum pagamento por sua participação. Entretanto, espera-se converter os resultados desse trabalho em ações benéficas para a sociedade, sobretudo para a pesquisa e atuação clínica com famílias. Você poderá ter acesso aos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Além disso, ao participar da entrevista, terá a oportunidade de refletir sobre as questões levantadas e como elas afetam a sua vida. Se assim desejar, os resultados gerais da pesquisa serão enviados para o seu e-mail.

Ao participar desta investigação, você estará contribuindo para o aprofundamento nos estudos sobre o processo de construção e exercício da maternidade. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável ou com a Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CEPq-PUC-Rio), no endereço Rua Marquês de São Vicente, 225, Rio de Janeiro - RJ, número de telefone: (021) 3527-1618. A Câmara de Ética da PUC-Rio é a instância da Universidade que avalia, do ponto de vista ético, os projetos de pesquisa de seus professores, pesquisadores e discentes, quando solicitada. Caso persistam dúvidas, ela poderá ser consultada.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é assinado em duas vias, sendo uma entregue para a participante e, a outra, para a pesquisadora. Assinando este Termo, você está autorizando a utilização das informações prestadas em ensino, pesquisa e publicação, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família.

Você poderá salvar um arquivo em seu computador com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após assinalar uma das opções que se seguem, envie, por favor, o termo para o e-mail da pesquisadora (fernanda\_mour@hotmail.com).

Assinale, por favor, uma das opções abaixo:

Declaro que fui informada sobre a pesquisa acima referida e compreendi seus objetivos. Estou concordando voluntariamente com este termo, o que indica que concordo com minha participação nesta pesquisa.

Não concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o que indica que não quero participar desta pesquisa.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020